



Departamento de História

Intervenção Cultural no Bairro da Zona J

Lúcia Isabel Murteira Inocêncio

Dissertação de Mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura – especialização em
Gestão Cultural

Orientadora:

Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:

Mestre Caterina Foà, Investigadora do CIES – IUL
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2018

Aos meus pais.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, a Professora Maria João Vaz e a Professora Caterina Foà, pelas palavras de incentivo e força que me transmitiram ao longo deste percurso. Por toda a orientação prestada, pela disponibilidade, ajuda e paciência que sempre demonstraram, o meu obrigada.

Agradeço à Inês Vaz, da Casa Conveniente e à Patrícia Carreira, da companhia Cepa Torta, pela disponibilidade e cooperação para a realização das entrevistas. Ao projeto Rés-do-chão pelos dados tão importantes que me forneceram e pelas pontes que me ajudaram a criar.

Não posso deixar de agradecer a todos os amigos que ao longo desta viagem me apoiaram, tendo sempre uma palavra de força ou conforto. Pela paciência, atenção, amizade e companheirismo tenho de agradecer especialmente à Margarida, à Joana e à Catarina. Sem vocês e a vossa confiança em mim não teria chegado até aqui.

À Sara Abreu, colega, companheira e amiga de Mestrado. Atravessámos juntas esta fase que, apesar de difícil, nos proporcionou bons momentos e onde nasceu a nossa amizade. Obrigada pela partilha, ajuda e companheirismo durante estes dois anos.

À Mafalda Silva, que sempre acreditou que fosse possível. Não faltou carinho e confiança de que iria conseguir.

À minha prima Jéssica, que caminha toda a vida ao meu lado e acompanha todas as minhas jornadas. Obrigada por tudo.

À minha família, pelo precioso apoio durante esta fase da minha vida.

Por fim, um obrigado não chega para todo o amor, carinho e apoio dos meus pais. Pela motivação incondicional, por sempre acreditarem quando, por vezes, nem eu mesma acreditava. É graças a vocês que pretendo fazer sempre mais e melhor. Por tudo, obrigada!

O meu sincero agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para a concretização desta dissertação.

Resumo

Nesta dissertação de Mestrado procurou-se perceber de que forma o bairro da Zona J tem evoluindo cultural e artisticamente, através das intervenções que tem sofrido nos últimos anos. Este estudo foca-se, não só no desenvolvimento artístico e cultural do bairro, mas também no papel da arte enquanto instrumento de integração e inclusão social.

A metodologia de investigação utilizada é mista, recorrendo à abordagem qualitativa com base em técnicas de análise documental, observação participante e entrevista, e à abordagem quantitativa, através de inquéritos por questionário presencial. O objeto de estudo do trabalho é o bairro da Zona J, em Lisboa, e o enfoque centra-se no desenvolvimento do seu carácter cultural e artístico.

De acordo com o estudo do bairro e com os dados analisados, conclui-se que houve uma evolução positiva no crescimento e desenvolvimento do bairro a vários níveis (cultural, artístico e educacional, por exemplo) no que diz respeito à oferta de eventos e organizações ativas e no cruzamento intersectorial de atividades.

Em específico, o bairro da Zona J revela-se transformado na sua oferta cultural, existindo um crescente interesse por parte da população e de não residentes no bairro em frequentar e conhecer os projetos residentes. Comprova-se, assim, que a arte tem grande importância e alimenta oportunidades concretas em relação ao desenvolvimento local e social de um território específico.

Palavras-chave: bairro, Zona J, arte, intervenção cultural, integração social

Abstract

In this Master's dissertation we tried to understand how the neighborhood of Zona J has evolved culturally and artistically, through the interventions it has undergone in recent years. This study focuses not only on the artistic and cultural development of the neighborhood, but also on the role of art as an instrument of integration and social inclusion.

The research methodology used is mixed, using a qualitative approach based on techniques of documentary analysis, participatory observation and interview, and quantitative approach through questionnaire surveys. The object of study of the work is the neighborhood of Zona J, in Lisbon, and the focus is on the development of its cultural and artistic character.

According to the study of the neighborhood and the data analyzed, it was concluded that there was a positive evolution in the growth and development of the neighborhood at various levels (cultural, artistic and educational, for example) regarding the provision of events and organizations and cross-sectoral intersection of activities.

Specifically, the neighborhood of Zona J is transformed into its cultural offer, with a growing interest from the population and from non-residents in the neighborhood to frequent and get to know the resident projects. It is thus proved that art has great importance and nourishes concrete opportunities in relation to the local and social development of a specific territory.

Keywords: neighborhood, Zona J, art, cultural intervention, social integration

Índice

Introdução.....	1
Revisão da Literatura e Enquadramento.....	9
À procura de uma definição operacional de bairro.....	13
O bairro Zona J em Lisboa.....	21
A Companhia de Teatro - Casa Conveniente.....	32
Estrutura, organização e atividades.....	33
O Festival Zona Não Viglada.....	38
A arte urbana e o seu papel no bairro da Zona J.....	42
O papel da arte como ferramenta de integração social.....	50
Conclusão.....	59
Referências Bibliográficas.....	63
Anexos.....	I
Anexo A - Respostas ao inquérito por questionário realizado aos habitantes do bairro da Zona J.....	I
Anexo B - Guião de Entrevista realizada a Inês Vaz, atriz da Casa Conveniente.....	IX
Anexo C - Guião de entrevista realizada a Patrícia Carreira, encenadora e coordenadora da Companhia Cepa Torta.....	X

Índice de Quadros

Quadro 4.1 – Opinião dos residentes da Zona J acerca da discriminação e marginalização no bairro

Quadro 5.1 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – Pessoas que conhecem a companhia

Quadro 5.2 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – contribuição artística e cultural da companhia

Quadro 5.3 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – Pessoas que conhecem o festival

Quadro 5.4 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – contribuição cultural e artística do festival

Quadro 5.5 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – aderência do festival

Quadro 5.6 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – público do festival

Índice de Figuras

Figura 3.1 – Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e consequências sobre as Dinâmicas Sociais Locais

Figura 4.1 – Bairro do Condado

Figura 6.1 – *Graffiti* no bairro da Zona J “O condado depende de nós”

Figura 6.2 – *Graffiti* no bairro da Zona J

Introdução

O Bairro do Condado, conhecido também como Zona J, foi projetado através do Plano de Urbanização de Chelas (PUC), em 1959. Em 1960, foi iniciado o estudo para o desenvolvimento da área pelo Gabinete Técnico da Habitação (GTH) da Câmara Municipal de Lisboa. O PUC foi concluído em 1965, dando-se início, em 1967, à concretização do plano. Através da redefinição dos princípios do PUC para a Zona J, em 1969, a área foi aumentada e espectou-se uma maior área de residência.¹ Pertencente à freguesia de Marvila, este bairro, que tem sempre associado ao seu nome o seu passado violento, tem vindo a desenvolver-se a vários níveis.

Nesta dissertação pretendo explorar a forma como o Bairro do Condado foi evoluindo cultural e artisticamente, e de que forma estes movimentos culturais – como o desenvolvimento das artes urbanas no bairro e o apoio de várias entidades na evolução da comunidade - apoiaram a integração social, tanto das pessoas no bairro, como do bairro na cidade de Lisboa. Desta forma, a minha investigação tem como tema a cultura enquanto veículo de transformações e promotor de integração, sendo que o objeto de estudo é o Bairro do Condado e a sua vertente cultural e artística.

Gostaria de começar por explicar os motivos que me levaram a definir esta temática como objeto de estudo. Primeiro, o facto de viver há cerca de cinco anos na freguesia de Marvila, perto do Bairro do Condado, e de reconhecer que não morava no centro de Lisboa, mas num bairro que por algumas razões poderia ser comparado com uma aldeia, onde as pessoas se conhecem, cumprimentam-se quando passam na rua e onde ainda existe o comércio local. É um ambiente um pouco contraditório com o que vemos na restante cidade, onde as relações sociais são mais frias e distantes do que se constata no bairro. Para além disso, ainda existe uma certa discriminação quando se fala na Zona J devido ao facto de se terem verificado episódios e situações complexas de violência, por ter associado problemas relacionados com o tráfico de droga e delinquência juvenil, e por ser um espaço onde diferentes camadas sociais e étnicas coabitam. É um lugar que enfrentou um passado dramático, e que, conseqüentemente, foi discriminado e olhado com preconceito. Sempre que revelava que morava em Chelas, num bairro perto da Zona J, as pessoas encaravam-me com um ar de preocupação e ainda me questionavam se, de facto, não era um local perigoso. Esta ideia de que a Zona J é um lugar problemático e marginal torna este espaço discriminado

¹ Lopes, Ricardo (2011). *Aprender com os erros*. Universidade Católica Portuguesa

pelas pessoas e pela cidade.

Outra razão para me debruçar sobre este tema é o facto deste espaço ser isolado da restante cidade – não apenas geograficamente, mas também isolado no sentido de ser diferenciado do ponto de vista social, urbanístico e de oferta de serviços - um local onde ninguém que não seja residente vai sem ter um objetivo específico. É um espaço habitacional, criado como uma expansão da população urbana, com pouca oferta em termos de serviços. Por isso, não é lugar de visita, de turismo, apenas um local de passagem para chegar a outros lugares. Desta forma, esta dissertação pretende contribuir para desmistificar a visão consolidada acerca deste bairro, analisar e divulgar com fundamentos científicos e empíricos elementos importantes da sua identidade tão própria. Por fim, e o que me fez escolher este tema em particular, é o facto da Zona J ter imenso para dar em termos culturais, pois trata-se de um espaço bastante multicultural, com uma identidade muito vincada e com muito para oferecer em termos artísticos. O bairro engloba mais elementos artísticos e uma nova oferta de eventos de interesse cultural, que se tem vindo a desenvolver. Assim, hoje em dia, quem atravessa a Zona J pode admirar a arte urbana desenhada ao longo das paredes ou ouvir grupos de jovens a cantar na rua. Desta forma, a arte urbana é um elemento integrante deste espaço nas suas diferentes vertentes, mas também existe mais investimento cultural nesta área, sendo este outro dos motivos que me levou a eleger este tema de pesquisa. O investimento por parte de pessoas não moradoras na Zona J tem vindo a aumentar; como exemplo disso, menciono o caso da “Casa Conveniente”, uma companhia de teatro que estava sediada no Cais do Sodré e se mudou para a Zona J graças à vontade e ao empenho de Monica Calle. A diretora da companhia viu na Zona J um espaço com potencial, e passou a desenvolver o seu projeto a partir deste bairro. Além disso, pretendo apresentar algumas das associações e projetos sediados no local, não só para mostrar a diversidade de áreas artísticas presentes no bairro, como também para revelar o interesse e oferta cultural existente na Zona J. Assim, este trabalho pretende testemunhar os progressos realizados no bairro, apresentar elementos relevantes e evidentes que reforcem a imagem da Zona J como lugar merecedor e incubador de desenvolvimento e investimento artístico, cultural e social. O principal objetivo que lidera a minha investigação é o de corroborar a ideia de que a cultura e a arte, através da sua expressão espontânea e de iniciativas e eventos organizados, podem ser formas e elementos para transformar um local específico, integrar as pessoas no bairro e, por sua vez, o bairro na cidade.

Assim, irei abordar conceitos teóricos como: identidade de bairro, bairro cultural, arte urbana, intervenção cultural.

Em suma, o meu objetivo com esta dissertação passa, também, por desmistificar as representações parciais e preconceituosas sobre a Zona J, apresentá-la através de uma perspectiva documentada e inovadora, e mostrar outros ângulos desta realidade, que tem muito mais para oferecer (em termos culturais e artísticos) daquilo que é conhecido.

A primeira fase desta pesquisa consistiu na revisão bibliográfica mediante procura e leitura das principais obras concebidas sobre os conceitos que servem de alicerce teórico como sendo a noção de bairro, por exemplo, abordada por “Um lugar na cidade”, de Graça Cordeiro, ou a noção de inclusão social pelas artes, desenvolvida por Joana Felizardo, de forma a aprofundar o conhecimento teórico e poder fundamentar as reflexões sobre o objeto de estudo. O segundo momento baseou-se no contacto com diferentes entidades, associações, instituições e projetos que estivessem ligados à Zona J e que pudessem contribuir para o desenvolvimento deste trabalho através de documentos e testemunhos diretos. Dessa forma, dirigi-me à Junta de Freguesia de Marvila, com o objetivo de pedir uma autorização para consultar arquivos e informações sobre o bairro da Zona J - que foi concedida – permitindo, assim, iniciar a análise da informação e das fontes documentais relacionadas com o bairro, o seu passado, desenvolvimento e crescimento. Em segundo lugar, através da Biblioteca de Marvila, entrei em contacto com o projeto Rés-do-chão - que tem como objetivo a regeneração urbana e o combate à desativação social e económica de bairros nos centros urbanos, como é o caso do Bairro do Condado - que me ajudou a contactar e conhecer mais associações - que irei apresentar ao longo da minha dissertação - que trabalham no território e cuja experiência é relevante de forma a dar suporte ao meu trabalho. Forneceram-me, também, dados estatísticos sobre o Bairro do Condado que foram muito importantes para a minha dissertação, pois ajudaram na apresentação e contextualização do mesmo. Em seguida, entrei em contacto com a companhia de teatro Casa Conveniente, de modo a agendar uma entrevista com os responsáveis desta entidade que é um dos principais casos de estudos apresentados na minha dissertação, e, portanto, tratou-se de um elemento crucial para o desenvolvimento da investigação.

Relativamente à metodologia utilizada ao longo do trabalho, esta passa por diferentes processos de investigação e cruzamentos de ferramentas de recolha e análise. Por um lado, optando por uma pesquisa qualitativa, utilizei como técnica de recolha de dados a análise

documental, a observação e a entrevista semiestruturada. Para Bardin a pesquisa qualitativa “é válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais” (Bardin, 2009, p. 141).

Por outro lado, recorri também a pesquisa quantitativa, através dos dados secundários obtidos mediante fontes documentais e a aplicação de questionários a uma amostra da população do bairro do Condado, de forma a obter respostas subjetivas e conhecer melhor a perspectiva dos moradores em relação à vivência no bairro e à evolução deste ao longo dos últimos anos.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir de bibliografia sobre diversos subtemas desta dissertação, tais como intervenção cultural, sociedade e arte, urbanização, entre outros tópicos.

Em relação à análise documental realizada em documentos e informações recolhidas, para Bardin (1995), é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência” (Bardin, 1995: 45). Desta forma, a análise documental é feita através de procedimentos de transformação, tendo como finalidade a análise e apresentação de informação de forma sucinta, de modo a produzir um documento que contenha o máximo de informação pertinente sobre o tema em estudo. Na perspectiva de Bardin (2011) é “uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou um banco de dados” (Bardin, 2011, p. 51). Assim, considero uma etapa imprescindível, pois foi onde consegui obter o máximo de conteúdo sobre as questões a investigar, recorrendo a bibliografia como dissertações ou livros, e outro tipo de fontes como documentos fornecidos por entidades como a Junta de Freguesia de Marvila e o projeto Rés-do-chão. Desta maneira, consegui obter uma fundamentação teórica consistente, de forma a dar resposta à parte empírica, com o objetivo de obter conclusões mais pertinentes.

Em relação à observação, esta é considerada um dos instrumentos principais para a recolha de dados na pesquisa qualitativa. É utilizada através da aplicação dos sentidos, pois a pesquisa qualitativa “engloba a ideia do subjetivo, passível de expor sensações e opiniões” (Bicudo, 2006, p. 106), e obriga a que o investigador tenha de manter um contacto direto com a realidade, de forma a obter dela resultados.

A observação participante, denominada também como pesquisa etnográfica, implica que o investigador participe na realidade da situação investigada, não afetando o ambiente de

estudo, de modo a obter dados que resultem da realidade mais pura do quotidiano. Assim, “a coleta de dados é realizada junto aos comportamentos naturais das pessoas quando essas estão conversando, ouvindo, trabalhando, estudando em classe, brincando, comendo...” (Fiorentini & Lorenzato, 2009, p. 107).

Desta forma, a observação participante é uma boa técnica de recolha de dados, pois o investigador participa diretamente na vida social de uma população ou comunidade específica, de modo a inserir-se nela e conhecer os seus hábitos do dia-a-dia.

The central defining features of naturalistic observation are that it takes place in the natural setting for the phenomenon of interest, the researcher does not attempt to manipulate that setting in any way, and no constraints (e.g., predetermined categories) are placed on the outcome of the investigation. (GIVEN, 2008, p. 550)

O objetivo desta técnica é a recolha de dados de forma mais objetiva possível e, posteriormente, a análise dos mesmos. A observação tem como vantagens o facto de permitir a aproximação da perspectiva das pessoas observadas, de possibilitar a recolha de dados sem se envolver no grupo observado e propícia a construção de hipóteses. Para além disso, permite também a obtenção de dados que não seriam prováveis de adquirir em respostas de questionários (Lakatos & Marconi, 1990). Relativamente a desvantagens, este método implica que a presença do investigador possa alterar o comportamento do grupo observado, retirando, assim, a espontaneidade e, conseqüentemente, obtendo resultados pouco fiáveis; para além disso, o registo das informações obtidas pela observação deve de ser feito pois, caso não esteja bem organizado, o investigador irá recorrer à memória da sua participação na observação, e isso pode provocar interpretações mais subjetivas e até perder informações importantes do momento da observação; por último, o momento da observação pode ter condições imprevistas, que pode afetar o trabalho e resultado do investigador, o que leva a outra desvantagem, que é a duração dos registos, sendo um fator imprevisível para o investigador.

No caso específico deste trabalho, a observação passa por frequentar e conhecer o Bairro do Condado, o quotidiano dessa comunidade, registar e analisar a informação. Através da observação, elaborei um diário de campo em que descrevi momentos e comportamentos do dia-a-dia da população e certas situações de convívio. Também, de forma a complementar estes dados e manter um distanciamento necessário para realizar a investigação com critérios científicos, debruzei-me sobre a análise dos questionários realizados aos moradores do Bairro

do Condado, que auxiliou na descoberta de novos elementos de interesse. Os questionários foram realizados a pessoas que estavam a frequentar o bairro da Zona J no momento em que eu estava no local. Dessa forma, 95,7% (Anexo A) dos inquiridos era residente no bairro. Realizei 47 questionários e a amostra era a comunidade que reside e frequenta o bairro, com idades compreendidas entre os 15 e os 78 anos. A fonte dos questionários foi através de elaboração própria, recorrendo ao software digital de análise de dados google.

Outra técnica de recolha de dados utilizada é a da entrevista. Esta é considerada um elemento flexível, que permite aprofundar um tema científico ou questão em particular, pois permite juntar informações que não seriam possíveis de recolher através da observação nem da análise bibliográfica, sendo uma base muito importante na pesquisa qualitativa e que fornece elementos inovadores à pesquisa. De acordo com Haguette (Haguette, 1997) a entrevista é “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (Haguette, 1997, p. 86).

A entrevista requer uma preparação com alguns cuidados. De acordo com Marconi e Lakatos, em primeiro lugar, deve ser concebido o planeamento da entrevista; de seguida, elege o entrevistado, que deve de ser alguém com conhecimento sobre o tema em questão; outro passo importante é a marcação da entrevista, de forma a estabelecer uma data com antecedência, de forma a ter a entrevista bem preparada e para que o entrevistado tenha disponibilidade para receber o investigador; possibilitar as condições necessárias para assegurar ao entrevistado informações pertinentes como a sua identidade, por exemplo; por último, a preparação precisa para a realização da entrevista, que conta com a organização do roteiro com as questões a colocar (Marconi & Lakatos, 1996).

No que diz respeito à elaboração das perguntas, estas devem de ter um fio condutor, isto é, serem concebidas de forma a dar continuidade à conversa, guiando a entrevista com uma coerência lógica para o entrevistado. A entrevista deve acontecer de forma natural e, para que isso aconteça, as perguntas não devem ser diretas, de modo a que o entrevistado tenha espaço para relembrar experiências e vivências, de forma a dar valor e conteúdo ao investigador. Portanto, o investigador tem de estar preparado para conseguir conduzir a entrevista e beneficiar com os momentos em que tem oportunidade de obter mais informações do entrevistado.

De acordo com Quivy e Campenhoudt, o método da entrevista está sempre interligado a um método de análise de conteúdo. Na análise de conteúdo o investigador poderá produzir uma matriz de unidade por variável que pode ser analisada usando uma variedade de técnicas. A análise de conteúdo permite colocar os dados recolhidos num contexto tendo como base os objetivos da pesquisa, proceder a conclusões através dos dados e da articulação dos conceitos em estudo.

Existe vários tipos de entrevista, sendo as principais a entrevista estruturada, a semi-estruturada e a aberta.

A entrevista semi-estruturada foi a utilizada nas entrevistas que realizei. Permite a existência tanto de perguntas fechadas como abertas. O entrevistador tem um guião de questões previamente estabelecidas. No entanto, a entrevista deve decorrer de uma forma semelhante a uma conversa informal, sendo flexível, para que o entrevistador possa aproveitar informações que o entrevistado lhe forneça e desenvolver diferentes pontos que não estariam no guião. Deste modo, o entrevistador tem o poder e a possibilidade de dirigir a entrevista para os caminhos que pretender explorar podendo, assim, fazer perguntas complementares para aprofundar temas ou assuntos que não ficaram explícitos ou suficientemente desenvolvidos durante a entrevista ou alterar a ordem das questões, da forma que lhe pareça mais conveniente.

O pesquisador, pretendendo aprofundar-se sobre um fenómeno ou questão específica, organiza um roteiro de pontos a serem contemplados durante a entrevista, podendo, de acordo com o desenvolvimento da entrevista, alterar a ordem dos mesmos e, inclusive, formular questões não previstas inicialmente. (Fiorentini & Lorenzato, 2009, p. 121)

A entrevista, como técnica de recolha de dados, é muito vantajosa pois permite ao entrevistador obter respostas mais detalhadas e aprofundadas. Há dois tipos de entrevista que têm vantagens muito específicas: a semi-estruturada e a entrevista aberta. Ambas possibilitam uma maior duração tendo, como consequência, uma maior amplitude para desenvolver diferentes conceitos; permitem um maior contacto entre o entrevistador e o entrevistado, o que torna mais provável que a entrevista seja mais espontânea, e com uma maior abrangência de respostas (que podem ser bastante pertinentes para o trabalho do investigador).

Nesta dissertação, tenho como informadores privilegiados Inês Vaz, atriz da Companhia de Teatro “Casa Conveniente”, sediada no Bairro do Condado, e Patrícia Carreira,

encenadora e coordenadora da Companhia Cepa Torta. Ambas as entrevistas foram realizadas por telefone, devido à impossibilidade de agendar uma entrevista presencial. A entrevista a Inês Vaz, realizada a oito de Julho de 2018, teve por base um guião com dezassete perguntas, que abordavam, não só a história da Casa Conveniente e, essencialmente, o facto da companhia ter transitado para a Zona J, como também questões sobre o bairro, a sua relação com as artes, e a forma como é visto pelos moradores e não moradores. Relativamente à entrevista a Patrícia Carreira, representante da Companhia Cepa Torta, esta ocorreu a dez de Julho de 2018. O guião contava com quinze questões, que se centravam na relação do bairro com as artes e as entidades artísticas, e com a inclusão social através das artes, tópico muito relevante para o trabalho realizado por esta companhia.

A entrevista tem, assim, a capacidade de fornecer dados subjetivos que, de outra forma, não conseguiríamos obter. É nesta técnica de recolha de dados que estão subjacentes experiências, memórias, valores e opiniões do entrevistado. Relativamente a dados objetivos, estes são mais acessíveis de obter: seja através de dissertações, textos ou questionários.

O questionário enquanto técnica de recolha de dados consiste “em colocar um conjunto de inquiridos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 188).

O questionário é composto por questões delimitadas, expressas de forma escrita. Esta técnica de recolha de dados tem como objetivos “o conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 189) e a “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 189).

Para além disso, tem como principais vantagens o facto de ter a possibilidade de, com perguntas fechadas, obter informações exatas, o que fornece dados objetivos para análise; por outro lado, as questões abertas cedem informações mais detalhadas, o que revela perspetivas diferentes para análise. Também, “a possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação” (Quivy & Campenhoudt,

2005, p. 189) e o facto de revelar a “representatividade do conjunto dos entrevistados” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 189).

Em relação a desvantagens, este método é constituído por questões que não permitem respostas complexas, o que leva a que não seja possível retirar muita informação, e que as respostas sejam, por vezes, superficiais (não permite, assim, a análise de certas matérias); se se executar o método pelas tecnologias (via internet, por exemplo), o número de respostas pode ser insuficiente; e, por fim, o rigor que deve ser conseguido na “escolha da amostra, formulação clara e unívoca das perguntas, correspondência entre o universo de referencia das perguntas e o universo de referência do entrevistado (...)” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 190) é o que define a credibilidade do método.

Desta forma, realizei o inquérito por questionário, presencialmente, aos moradores e frequentadores do Bairro da Zona J, de modo a obter informações sobre a sua visão do bairro, o seu investimento cultural e artístico e a forma como é visto pela restante cidade. Foram realizados 47 questionários, com critério de amostragem por conveniência e disponibilidade das pessoas, com o objetivo de conseguir uma amostra que contemplasse pessoas de todas as idades, géneros e estatutos sociais.

Assim, apresentei os métodos utilizados nesta dissertação, a sua definição e importância. De seguida, irei aprofundar a revisão da literatura ou estado da arte, onde apresento os conceitos chave da dissertação.

Revisão da Literatura e Enquadramento

Para contextualizar todo o meu trabalho e tópicos essenciais no tratamento destas matérias, é necessário definir e operacionalizar os conceitos chave da dissertação. No que diz respeito aos contributos teóricos que suportam esta tese, considero importante explicitar ideias fundamentais ao longo deste texto.

Um conceito que é essencial na dissertação é a noção de bairro. Muitos são os autores e perspetivas que se debruçam sobre esta questão. Graça Índias Cordeiro, na sua obra “Um lugar na cidade” apresenta um bairro em específico – o bairro da Bica – mas não deixa de desvendar conceitos e noções importantes para o tratamento desta matéria. Define bairros como “sistemas particulares de relações sociais e, ao mesmo tempo, enquanto um conjunto de

valores cívicos”. Na perspectiva de António Custódio Gonçalves, o bairro “caracteriza-se como sendo um lugar onde está presente predominantemente, embora não exclusivamente, uma população e/ou uma função particulares («bairros operários», «bairros residenciais», «bairros comerciais», «bairros sociais»... expressões que, em alguns casos se convertem). Assim, centro polifuncional com populações diversas e bairros caracterizados predominantemente por um tipo de população e/ou uma função, parecem-nos ser os elementos constitutivos necessários à vitalidade duma cidade.” (Gonçalves, 1988, p. 17).

Por sua vez, em “Sociedade e bairro”, de António Firmino da Costa, para além da noção de bairro ser central, também a de identidade cultural o é. Nesta obra, o autor debruça-se na caracterização sociocultural do bairro de Alfama, nas suas práticas quotidianas, na estrutura social, nas representações e na identidade cultural. Aborda a cultura, as tradições e interação do bairro, e as suas práticas culturais como o fado e as marchas populares. No fundo, esta é uma completa obra sobre estudos urbanos portugueses, que vai sustentar o meu texto com a sua riqueza empírica sobre bairro e identidade cultural.

Dentro desta noção de bairro existem diferentes aceções, como referiu António Custódio Gonçalves na citação acima. O bairro social, bairro problemático, bairro marginal ou bairro cultural são tópicos que exploro ao longo do texto. O bairro social, por exemplo, explorado por Teresa Pinto e Alda Alves na obra “Os bairros sociais vistos por si mesmos”, é desmistificado através de fatores que contribuem para a negatividade, insegurança e conflitualidade nos bairros. As autoras fizeram um estudo sobre certos bairros sociais em específico, e definiu-se os principais problemas de cada bairro. Em resumo, em relação ao que é um bairro social, na perspectiva das autoras:

Quer as representações sobre a imagem pública destes bairros, quer sobre a conflitualidade ou a insegurança de que são palco, confirmam a hipótese de estarmos perante a interiorização de uma imagem negativa profundamente enraizada, o que parece transformar estes habitats em dispositivos estigmatizados e estigmatizantes que fortemente comprometem a constituição de identidades positivas. Desde logo, a imagem que se interioriza do seu local de habitação e a imagem que se crê que este projecta para o exterior são dimensões decisivas na estruturação da identidade pessoal, quer se trate de formas identitárias assumidas ou prescritas, pela continuidade com que é percebida a imagem do bairro e a imagem pessoal. (Pinto & Gonçalves, 2000, p. 110)

Do ponto de vista de Luís Capucha (1990), autor da obra “Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social”, um bairro social trata-se “de um “contentor institucional de pobreza”, isto é, de um local onde foram “armazenadas” famílias pobres por ação das

entidades públicas responsáveis pelo sector da habitação, sem que nada, para além do local de residência, tenha mudado nas suas vidas, reforçando-se pela concentração, em meio desconhecido e destituído das antigas redes de solidariedade vicinal, os fatores geradores de empobrecimento.” (Capucha, 1990, p. 29).

Outro dos tópicos essenciais para o desenvolvimento deste trabalho está relacionado com o desenvolvimento artístico-cultural, mais concretamente com as intervenções urbanas em contextos periféricos. Esta abordagem centra-se nos projetos artísticos e no desenvolvimento do sector das indústrias culturais e criativas, como é o caso específico desta temática em que pretendo explorar as intervenções culturais na Zona J. Ao longo do texto irei apresentar algumas associações e projetos culturais e artísticos que se desenvolveram e sediaram na Zona J. Neste contexto, estas entidades culturais desenvolvem o seu trabalho, não só para alcançar os seus objetivos enquanto projeto de arte, mas também, alguns deles, têm um cariz social a atingir. Desta forma, insiro um tema muito importante nesta pesquisa: a arte como ferramenta para a integração social. Muitos foram os autores que se debruçaram sobre este tema. Na perspetiva de Teresa Palma Rodrigues,

as práticas artísticas em comunidade, quando sinceras no seu propósito e flexíveis na sua aplicação e adequação aos contextos em que se inserem, podem ser um veículo para a implementação de novos hábitos culturais, novas hipóteses de relação dos indivíduos entre si, e de novas descobertas acerca de si mesmos, pelas respostas que são dadas aos desafios propostos e aos obstáculos que se colocam tanto aos artistas como a cada um dos membros da comunidade. (Rodrigues, 2017, p. 109)

De acordo com Fátima Silva, e dentro da mesma linha de pensamento, “as práticas culturais têm, assim, um impacto positivo. São uma forma de alcançar a cidadania, uma vez que a educação artística incrementa o desenvolvimento de capacidades e competências importantes para conseguir a integração na sociedade atual.” (Silva, 2013, p. 47). No fundo, esta perspetiva da arte e da sua expressão tem consequências muito positivas quando trabalhada em comunidade, contribuindo para uma sociedade mais sólida, combatendo também os problemas sociais com que se confrontam.

Na perspetiva de Carolina Campos, na obra “Arte e vida: integração social - direito das crianças à educação e expressão artísticas“ (2008), “a arte tem, neste processo de socialização, um papel fundamental, já que sem ela o desenvolvimento fica incompleto. A completude deste desenvolvimento é que concede existência digna à pessoa.” (Campos C.,

2008, p. 69). Desta forma, a autora apresenta a arte enquanto fator essencial na sociedade e na vida de cada pessoa, sendo um elemento fundamental.

Deste modo, a arte tem o poder de transformar uma sociedade e a relação entre as pessoas, e é nesse aspeto que me vou focar e desenvolver este trabalho.

De acordo com o tema a desenvolver – a intervenção cultural na Zona J – e tendo em conta o espaço em que me foco – o bairro da Zona J -, considero importante abordar a arte urbana, pois é um elemento muito presente neste bairro. A arte urbana pode ter inúmeras definições e pontos de vista, sendo que:

[...]Por um lado, temos um equivalente contemporâneo do monumento do século XIX, uma prática que aceita convenções sociais e artísticas, ocultando as suas contradições através de uma bela realocização para um espaço de arte fora da galeria ou do museu e na falta de documentação acerca da sua recepção; e por outro, uma prática emergente da arte como ativismo e envolvimento [...] e a redefinição da sua localização enquanto esfera pública, em vez de um lugar físico assumido com garantia de acesso a um público indefinido. [...] (Miles, apud, Caeiro, 2014, p.282)

Assim, a arte urbana pode ser definida como “toda e qualquer manifestação presente no espaço público, distinguindo-se das manifestações de mero vandalismo (Pereira, p.97, 2010).” (Caixado, 2016, p. 40). É um género de arte de rua e das cidades, e pode manifestar-se de inúmeras formas como através de desenho (*graffiti*), música e dança (hip-hop), por exemplo.

Segundo Sara Rodrigues Eugénio (2013), “considera-se arte urbana qualquer intervenção realizada no espaço público, que poderá conter em si um objectivo, uma mensagem não perceptível à primeira vista. (...) Quando a arte urbana é transposta para galerias perde possivelmente a sua essência, uma vez que não é realizada no contexto urbano, porque varia no suporte e na escala.” (Eugénio, 2013, p. 44). Em suma, a arte urbana tem como palco o espaço público e é uma forma de arte que se relaciona diretamente com a comunidade e a cidade.

No fundo, a gestão cultural e os projetos culturais são temas que são a base do trabalho a desenvolver. Na perspetiva de Cerezuela (2013):

Un proyecto es pues la concreción de una voluntad que, en concreto, en el campo cultural, llamaremos política cultural, entendiendo por esta el conjunto de valores, ideas y voluntades que una organización quiere desarrollar. Para ello es necesario “traducir” las ideas a acciones concretas que deben estructurarse de la mejor

manera posible para lograr, con la máxima eficiencia, la finalidad planteada. Visto así, un proyecto necesita de una política cultural establecida previamente para responder a una necesidad ya determinada. (Cerezuela, 2013, p. 3)

Para Cerezuela (Cerezuela, 2013, p. 23) um projeto (cultural) é uma sequência ordenada de decisões sobre tarefas e recursos, encaminhadas para atingir os objetivos em determinadas condições.

Na opinião de Roldão (2010), um “projeto é uma organização designada para o cumprimento de um objetivo, criada com esse objetivo e dissolvida após a sua conclusão.” (Roldão, 2010, p. 1).

Para este autor, um projeto tem de ter algumas características como: ser finito, ser único, ser complexo, ter elevado risco e potencial de conflito (Roldão, 2010).

Na minha perspetiva, e em conformidade com os autores que referi, um projeto (cultural) tem o objetivo de corresponder e responder a alguma necessidade, e tem como finalidade atingir um objetivo em específico.

Em suma, são muitos os conceitos e tópicos a abordar ao longo do trabalho que são importantes para o desenvolvimento do mesmo. Neste capítulo, apresentei alguns dos conceitos-chave do trabalho, e coloquei algumas perspetivas de diferentes aurores. No entanto, neste capítulo não poderia desenvolver todos os conceitos. Existirá, em cada capítulo, espaço para o desenvolvimento e definição dos mesmos.

À procura de uma definição operacional de bairro

Lisboa é uma “cidade de bairros” (Costa & Cordeiro, 1999, p. 58). Cada bairro de Lisboa tem a sua história, os seus costumes, a sua memória. Há bairros de Lisboa que vivem das suas características muito específicas: exemplos clássicos quando se fala de Alfama e Mouraria, em que se associa logo o Fado; por outro lado, relativamente à Bica, associa-se as festas dos Santos Populares. No entanto, nem todos os bairros são tradicionais ou históricos, como os exemplos que referi acima, e nem todos são reconhecidos por características positivas como estas.

Desta forma, considero importante definir etimologicamente algumas noções muito importantes para o meu trabalho. Uma delas, e sendo ele o objeto de estudo principal deste trabalho, é o conceito de bairro.

Segundo o Dicionário da Porto Editora, (Dicionários Porto Editora, s.d.) a palavra “bairro” pode ter diferentes aceções: a primeira é apresentada como um “aglomerado de habitações homogéneas e com características próprias dentro de uma povoação; a segunda, um “conjunto de pessoas que habita nesse aglomerado”; e, por fim, a “área administrativa ou fiscal em que se dividem algumas cidades”².

Segundo Crossick “o conceito de bairro representa a expressão de uma nostalgia, seja uma nostalgia popular em busca de um mundo íntimo e solidário de outrora, seja uma nostalgia burguesa por uma comunidade sem conflitos de classes nem atomização social. Não é por acaso que as noções de aldeia e bairro se encontram nesta idealização do bairro de outrora.” (Crossick, 1993, p.405). Deste ponto de vista, os bairros são entendidos como aldeias na cidade, sendo, no todo, uma construção social da própria cidade. A cidade é representada, portanto, através dos seus bairros como “microcosmos da sociedade nacional que representa”. A multiplicidade de bairros com identidades próprias bem acentuadas que compõem a cidade é correspondente à diversidade regionalista que constitui o país. Assim, “ambos – aldeia e bairro – sugerem um mesmo modelo de análise, simplificador de uma pequena porção de realidade social com alguns traços de homogeneidade – social, ecológica – fechando-a e isolando-a com o objetivo de fabricar uma unidade coerente, facilmente percecionável no interior e uma sociedade envolvente incomparavelmente mais complexa do que é possível um par de olhos embarcarem.” (Cordeiro, 1997, pp. 321, 322). Quer isto dizer que, tanto um bairro como uma aldeia funcionam segundo pequenas comunidades que têm as suas próprias vivências, características e tradições. Adiante irei esclarecer esta noção de comunidade.

Dentro da definição de bairro, há elementos que os podem caracterizar e distinguir. Há os bairros tradicionais (como por exemplo, Alfama, Bica, Mouraria), os bairros marginais, problemáticos ou sociais (como é o caso do Bairro do Condado, por exemplo) e os bairros de

²Dicionários Porto Editora, I. (s.d.). *Infopédia*. Obtido de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bairro> consultado em 6 de Junho de 2018

³*bairro de lata* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Consultado em 6 de Junho de 2018. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bairro de lata](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bairro-de-lata)

lata (“aglomerado de casas pobres, sem infraestruturas fundamentais, normalmente habitado por pessoas carenciadas e localizado na periferia de centros urbanos”³). Também existe um novo constituinte dentro dos referidos anteriormente, denominado como bairro cultural.

Com efeito, estes são normalmente bairros que se consubstanciam em contextos urbanos caracterizados por uma maior informalidade e abertura à diferença, os quais são preponderantes para a expressão da diversidade e da liminaridade, aspectos particularmente interessantes para as intervenções artísticas, caracterizadas muitas vezes pela transgressão, pela diferenciação e distinção, e, também, portanto, ao limite, pelo conflito (Costa e Lopes, 2013, 2015). (Costa & Lopes, 2016, p. 4)

Assim, as intervenções artísticas dão vitalidade a estes espaços urbanos, sendo que os bairros culturais se assinalam por viverem com uma aura criativa e simbólica, que mantém uma vitalidade artística tão característica. Em geral, desenvolvem-se de forma natural, informal e espontânea. Apesar de serem localizados em zonas históricas da cidade têm uma capacidade de afirmação simbólica muito forte, utilizando diferentes práticas e utilizadores. “Os espaços da esfera pública tornam-se os locais privilegiados para a tensão e conflitos tão característicos de territórios marcados por usos, ritmos e tempos tão dispares entre si (cf. Costa e Lopes, 2015).” (Costa & Lopes, 2016, p. 7).

No entanto, existem estudos sobre a criação de um espaço específico para fins culturais e artísticos – como é o caso do bairro cultural - como por exemplo o trabalho de projeto “Criação do Distrito Literário de Lisboa”. Tal como a expressão “bairro cultural”, também “distrito cultural” não tem uma definição concreta. No trabalho em questão, definiu-se “distrito cultural” como um lugar onde “é possível reconhecer um conjunto crítico de bens ou recursos culturais, materiais e imateriais – monumentos, organizações, instituições, música, língua, tradições – e agentes culturais - artistas, criadores e participantes – dentro de uma área geográfica específica e confinada da cidade, objeto de possível investimento público ou privado, e capazes de produzir inovação cultural e de atrair turistas.” (Monteiro, 2016, p. 2). Desta forma, a cultura é o catalisador do bairro, sendo ele a fonte e o cenário físico, que permite criar um aglomerado de possibilidades culturais, sociais e turísticas para a cidade e a população. Na minha perspetiva, penso que esta definição possa corresponder à ideia de “bairro cultural”, que me ajuda a esclarecer os diferentes tipos de bairros, e a perceber de que vive um bairro cultural.

Da mesma forma que, no início deste capítulo, referi que alguns bairros são reconhecidos pelas suas características vincadas também o Bairro da Zona J tem elementos que o caracterizam: o seu passado violento, as histórias de criminalidade e de tráfico de droga. Por essa razão, este bairro pode ser designado como bairro social.

Um bairro social trata-se “de um “contentor institucional de pobreza”, isto é, de um local onde foram “armazenadas” famílias pobres por ação das entidades públicas responsáveis pelo sector da habitação, sem que nada, para além do local de residência, tenha mudado nas suas vidas, reforçando-se pela concentração, em meio desconhecido e destituído das antigas redes de solidariedade vicinal, os fatores geradores de empobrecimento.” (Capucha, 1990, p. 29). Para retratar este conceito de bairro social e para esclarecer quais os fatores que dão uma imagem negativa de um bairro, quais os principais conflitos e dinâmicas sociais locais, foi realizado um esquema no livro “Os bairros sociais vistos por si mesmos”. No esquema (figura 3.1), percebemos que, relativamente à imagem negativa do bairro, esta é associada, em norma, à droga, composição social e ao vandalismo. Em relação à conflitualidade, esta está associada a conflitos relacionados com consumidores e traficantes, com conflitualidade de vizinhança e conflitualidade envolvendo minorias étnicas. Estes três pontos estão associados também aos tópicos da imagem negativa do bairro. Relativamente às dinâmicas sociais locais, estas tratam-se da desestruturação/fragilização das relações sociais locais, do clima de insegurança e mal-estar, dos processos de des-identidade e do isolamento social (Pinto e Gonçalves, 2000). Todos estes problemas criam um bairro como um espaço estigmatizado.

Figura 1: Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e conseqüências sobre as Dinâmicas Sociais Locais

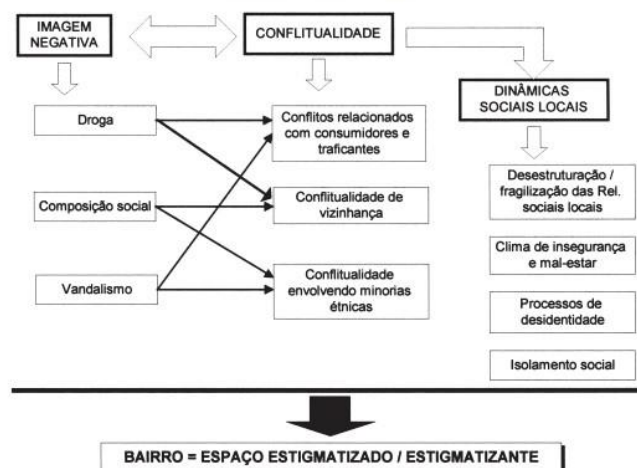


Figura 3.1 – Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e consequências sobre as Dinâmicas Sociais Locais

Fonte: *Os bairros sociais vistos por si mesmos* (2000); (Pinto & Gonçalves, 2000, p. 111)

O estatuto inferior e desvalorizado que lhes é conferido pela sociedade marca profundamente a percepção subjectiva que essas populações social e economicamente vulneráveis têm das suas próprias capacidades enquanto actores sociais, isto é, como fazedores do seu próprio destino. Neste sentido, a auto-imagem é influenciada por essa imagem exterior (que, como vimos, se assimila ao próprio contexto residencial) sendo que este confronto com uma imagem desvalorizada pode suscitar atitudes tão variáveis quanto a aceitação, a contestação ou a recusa. (Pinto & Gonçalves, 2000, p. 103)

Desta forma, a comunidade de um bairro social é uma comunidade pobre, constituída por várias etnias e minorias. “Por comunidade, pretendemos designar um conjunto de sentimentos de pertença e de representações coletivas (comunidade idealizada) que se constituem por referência a um conjunto de vivências coletivas, práticas e relações sociais (comunidade de práticas).” (Chaves, 2012, p. 242). Assim, podemos concluir que são esses sentimentos e representações que formam e conservam uma comunidade de práticas. Para além disso, “da mesma forma que essas representações coletivas possibilitam a existência e a reprodução de um conjunto de vivências e de práticas, são, elas próprias, negociadas, atualizadas e construídas através dessas vivências, designadamente através dos contextos de negociação que as relações sociais propiciam.” (Chaves, 2012, p. 243). Quer isto dizer que a comunidade é construída através de representações que criam novas vivências; no entanto, são essas mesmas representações constituídas por vivências e práticas da comunidade.

A comunidade está em constante mudança e reconstrução e “poderá adaptar-se a novas condições e inovações” (Chaves, 2012, p. 243). Desta forma, a comunidade vai evoluindo e adaptando-se ao mundo à sua volta, sempre com base nas suas tradições e vivências:

A adaptação a novas condições, nomeadamente a novas atividades dirigidas para a obtenção de bens coletivos, produz-se a partir do potencial criativo das relações sociais para (re)criarem as rotinas, a tradição, o passado e as próprias fronteiras. (...) Conclui-se que as firmas culturais comunitárias estão, pelo menos, tão sujeitas

(conjuntamente com a cultura global) a criações e recriações produzidas pelas pessoas através da interação social, como a serem impostas, à semelhança dum corpo durkheimiano ou de uma superestrutura marxista. (Chaves, 2012, p. 243)

No fundo, a comunidade é um processo que se concebe de acordo com uma fundamentação de interação social, definido como comunidade de práticas, com sentimentos de pertença e representações coletivas dessas vivências e práticas.

Os bairros que se situam no subúrbio da cidade – como é o caso da Zona J, em Chelas – tendem a ter associadas imagens negativas apenas pelo facto de serem um espaço periférico.

De origem latina, a palavra aglutina sub (que significa proximidade, entre outras coisas) e urbs (que vem de obis, o círculo ou muralha da cidade), significando a um tempo proximidade e relação de dependência face à categoria territorial cidade. O conceito implica assim a ideia de estar fora estando perto – a existência de uma distância transponível – e a noção de subalternidade. Será daí, onde se encontra e justapõe à noção de periferia, que advém a imagem negativa do conceito? (Câncio, 2005, p. 10)

Deste modo, entende-se que existe uma imagem estipulada daquilo que é um “subúrbio”. “Porque é que se tende a pensar e a denominar como periféricas zonas que, fazendo parte daquilo que se convencionou ser o núcleo urbano da cidade, são percecionadas como estando “fora” (caso, em Lisboa, do Casal Ventoso ou de Chelas)?” (Câncio, 2005, p. 11). Algumas das respostas encontradas pela socióloga Isabel Guerra no texto “Viver na periferia”, referem que essa característica de nomear uma zona periférica como se estivesse fora da cidade, possa ser associada devido à distância ao centro e à ausência de um espaço de qualidade e à desertificação cultural (Câncio, 2005, p. 11). No entanto, existe sim um estigma e não problemas relacionados com realidades geográficas.

A vida de um bairro social baseia-se muito num ambiente de vida ou aldeia, pois as pessoas são mais próximas e, como partilham estilos de vida muito semelhantes, acabam por se relacionar mais. No bairro social vive-se muito de “sociedade de rua”. A rua é um lugar estratégico para a análise e observação da comunidade e da vida urbana, fornecendo vários dados e detalhes que a caracterizam. É, por isso, um elemento de identificação e identidade cultural. A rua pode ser definida como:

um lugar dentro da cidade, um lugar que podemos tomar como uma espécie de diagnóstico sobre aspetos fundamentais da qualidade da vida urbana e do carácter de uma cidade. (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 51)

Através dela pode compreender-se a cultura urbana e a cidade, pela sua construção intelectual e cultural. “A rua é entendida como um recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objetos, um recorte etnográfico possível para a exploração e o conhecimento da vida urbana contemporânea a partir de baixo e de dentro.” (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 9). A rua é, assim, um espaço que demonstra as vivências de uma comunidade, as suas práticas e tradições – “a rua como lugar onde se fabricam interações, onde se produz sociedade, a rua que tantas vezes se inventa para além do enquadramento urbanístico que a envolve e que assim nos surpreende.” (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 10). Para além disso, é um espaço que é o centro da vida urbana e da prática social. No entanto, a noção de “rua” enquanto espaço de diversificadas interações sociais, de integração e de interceção de variados tipos de sociabilidades, vai-se modificando ao longo da segunda metade do século XX e a ideia de “rua tradicional” extingue-se, sendo substituída por uma noção de “não-lugar”, ou então um lugar associado à marginalidade social, à criminalidade e à pobreza. Para além disso, as ruas oferecem “uma visão microscópica, particularmente local da sociedade e cultura, como também se constituem como plataforma para a abordagem de uma grande variedade de aspetos sobre o desenvolvimento urbano contemporâneo, as tendências nacionalistas, mudança económica, imperialismo e globalização, passado e presente” (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 56). A rua revela-se como um elo de ligação entre o espaço exterior e os espaços domésticos, com intenção de criar interação e comunicação interpessoal. “A rua como contexto de interação quotidiana, de práticas de sociabilidade entre pares, de memórias familiares partilhadas, revelou ser um lugar de eleição para a reformulação do «nós» (...) que, apesar da heterogeneidade das chamadas classes populares, dinamiza a

Pertença a um espaço social subordinado por um passado e uma tradição cultural comuns, por uma base comum de qualificações manuais, um sistema amplamente partilhado de perceção, avaliação e ação – uma larga homogeneidade cultural – e pelas redes de vizinhança e associação comunitária que adquirem sentido em quadros de interação local particularmente marcantes de práticas e representações coletivas (Silva, 1991: 590)” (Cordeiro, 1997, p. 320).

Deste modo, entende-se que a rua enquanto espaço exterior à habitação particular é o principal meio de difusão de valores de sociabilidade e a maior forma de desenvolvimento de identidades territoriais. Em suma, nos bairros sociais leva-se “o espaço da rua até aos pisos mais altos do edifício” (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 14), sendo este o lugar que mais identifica uma comunidade.

Cada bairro tem a sua própria identidade cultural. Mas de que é feita essa identidade?

(...) Os grupos sociais elaboram memórias coletivas e constroem identidades culturais segundo processos em que ambas se determinam reciprocamente, contribuindo por sua vez, de maneira crucial, para a constituição dos grupos portadores dessas memórias e dessas formas identitárias. Os espaços territoriais de relacionamento social e, em particular, certas marcas físicas que neles vão sendo destacadas, constituem elementos fundamentais de ancoragem simbólica e relacional desta triangulação entre as identidades culturais, as memórias coletivas e os grupos sociais que as elaboram e transmitem, ao mesmo tempo que, através delas, se produzem e reproduzem enquanto tais. Temos, pois, no centro destes processos, um “grupo portador”, portador de práticas relacionais e de experiências locais e, correlativamente, portador de memórias sociais e de formas de identidade coletiva. (Costa A. F., 2008, p. 47)

Isto significa que os habitantes do bairro, através das suas vivências quotidianas e da sua vida social, produzem memórias partilhadas e representações sociais, que vão construir aquilo que é a identidade cultural do bairro.

O espaço é um fator muito importante nesta temática pois ele é o palco de vivências e práticas diárias, de familiaridade, de estratégias sociais, de episódios vividos e experiências partilhadas. Para além disso, é o suporte de uma população e, por isso, um lugar repleto de sentimentos de pertença. Em suma, a identidade cultural baseia-se no relacionamento social dos protagonistas da vida social local, da memória social que estes produzem e das manifestações culturais inseridas no bairro.

O bairro que vou estudar não é um bairro popular, como os mais reconhecidos de Lisboa. É um bairro multicultural, com características muito vincadas, com memória e história que faz de si um bairro tao peculiar. Irei desenvolver este tema no capítulo seguinte.

O bairro Zona J em Lisboa

O Bairro Zona J, atualmente designado como Bairro do Condado, está situado em Chelas, e pertence à Freguesia de Marvila, em Lisboa. Antes dos anos 60, esta zona era composta por terrenos rústicos, ocupados por explorações agrícolas. A construção da 1ª fase do bairro teve início em 1978, depois de ter ultrapassado todas as fases de planeamento e redefinição.

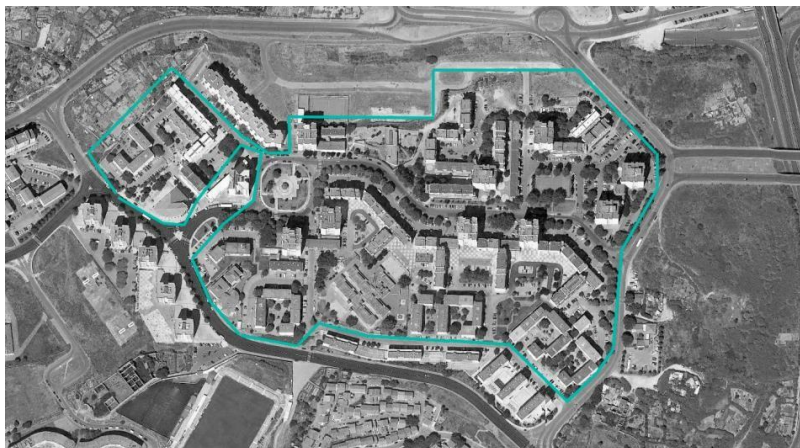


Figura 4.1 – Bairro do Condado

Fonte: Projeto “Rês-do-Chão”

“A Região de Lisboa é, pois, um espaço de fortes contrastes sociais, onde ainda persistem grandes bolsas de degradação urbanística, de pobreza e de exclusão social.” (Câncio, 2005, p. 1). São muitos os bairros sociais que constituem a cidade de Lisboa, e muitos deles situados precisamente na freguesia de Marvila.

A freguesia de Marvila é “constituída por 10 bairros: Bairro dos Alfinetes e Salgadas, Bairro do Condado, Bairro dos Lóios, Bairros das Amendoeiras, Bairro da Flamenga, Bairro do Armador, Bairro Marquês de Abrantes, Bairro da PRODAC Norte e PRODAC Sul, ou Vale Fundão, Bairro do Vale Formoso e Poço do Bispo (zona de Marvila Velha)”³.

Esta freguesia é muito rica em património como azulejos, quintas, chafarizes e palácios. Para além disso, tem existido investimento e desenvolvimento cultural: foi construída, em 2016, a Biblioteca de Marvila, ao abrigo do programa Biblioteca XXI, que

³Marvila, J. d. *Junta de Freguesia de Marvila*. Obtido de jf-marvila: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/toponimia> consultado em 17 de Junho de 2018

incentiva, desenvolve e cria novos projetos para dinamizar a zona; a Galeria Underdogs, que se trata de um projeto cultural que pretende “tornar a arte pública e acessível a todos (...) e mostra criadores nacionais e estrangeiros ligados à cultura visual e urbana, a chamada street art”⁴, inaugurada em 2013; a Fábrica do Braço de Prata, que é um Centro Cultural que alberga concertos, workshops, exposições, uma livraria e uma escola de música nas instalações de uma antiga Fabrica, ativa desde 2007; o Festival Muro que, na edição de 2017, teve lugar em Marvila, tendo como tema “Identidade Cultural Ibero-Americana”⁵.

Assim, o crescimento cultural e artístico desta zona foi enorme, de tal forma que Marvila foi destacada pelo jornal Espanhol “El País” como um dos 18 bairros de todo o mundo que são pontos de visita obrigatória, numa reportagem no web site a 28 de Dezembro de 2015. Segundo o jornal, para conhecer as últimas tendências de Lisboa, de “galerias de arte a cervezas caseras, hay que pasarse por Marvila”⁶. Para além disso, o jornal também enaltece a transformação de armazéns em galerias de arte (como a galeria Underdogs), espaços de coworking, e a vida noturna do Poço do Bispo, nomeadamente as atividades da Fábrica do Braço de Prata. Desta forma, “El País” convida a visitar Marvila, por ser um espaço onde não se encontra *tuk-tuk* a circular nem lojas de *souvenirs*; por isso, é descrita como “Marvila, el barrio secreto de Lisboa”⁷.

Foi definido “Bairro secreto” também porque se situa numa freguesia que “se tornou numa “cidade esquecida”, numa parte da “Lisboa invisível”⁸, sendo uma zona pouco procurada e frequentada até poucos anos atrás e que desde 2015 vive uma nova época de requalificação. Está a investir-se na construção de um empreendimento, localizado no bairro Braço de Prata, pelo arquiteto Renzo Piano. “O Prata Living Concept quer ser o novo bairro

⁴ (Orientre, 2017) Obtido de <http://www.orientre.pt/empresas/galeria-underdogs-vhils/> consultado em 22 de Junho de 2018

⁵ (Lisboa, 2017) Obtido de <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/node/6744> consultado em 25 de Junho de 2018

⁶ (País, 2015) Obtido em https://elviajero.elpais.com/elviajero/2015/12/23/actualidad/1450870763_404445.html consultado em 25 de Junho de 2018

⁷ (País, 2015) Obtido em https://elviajero.elpais.com/elviajero/2015/12/23/actualidad/1450870763_404445.html consultado em 25 de Junho de 2018

⁸ (Renascença, 2016) Obtido em http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa consultado a 25 de Junho de 2018

da capital e ligar o Parque das Nações ao Terreiro do Paço”⁹. Desta maneira, este bairro tem um futuro muito expectante e idealiza-se que seja um lugar de desenvolvimento, tanto a nível de construções, como de transportes e serviços.

Outro projeto que também está a nascer é o Hub Criativo do Beato. Está a ser renovado um espaço com 20 edifícios, para abrigar entidades nacionais e internacionais de diferentes áreas – tecnologia, inovação e indústrias criativas. Este centro criativo está sediado num antigo complexo fabril do exército, e tem sob construção a criação de espaço aberto à comunidade, que possibilite um ecossistema empreendedor da cidade e que preserve o património arquitetónico e industrial.¹⁰ Assim, é um projeto que irá enriquecer muito, não só o bairro, como também a cidade, e que promete inovação e empreendedorismo.

Dentro dos bairros de Marvila, a Zona J, com 4014 de habitantes, é um bairro que acarreta muita história relacionada com descatos, violência e até mesmo homicídios. É um bairro integrante da cidade de Lisboa, “mas que ao mesmo tempo parece estar à margem, numa redoma, como uma ilha. É um local aonde quem é de fora não vai por acaso ou de passagem. Tem de existir uma motivação.”¹¹ Foi, por esses motivos, considerado nos anos 80 um bairro marginal, isolado, como se não pertencesse à cidade de Lisboa. Era uma zona geograficamente isolada, separada da restante Lisboa, onde quem a visitava era com um propósito ou objetivo. A Zona J não é um local de passagem e encontra-se quase de parte da cidade. “Ninguém vem à Zona J a não ser que tenha uma razão, a não ser que precise, pois o bairro está estruturado como uma ilha em relação à cidade. “Não é um caminho para lado nenhum – ou vens aqui ou não vens.”¹²

Esta ideia de “ilha” como representação de “mundos sociais” (Velho, 1999, p. 22) identifica uma comunidade como excluída, e um espaço com as suas particularidades e limites.

⁹(Idealista, 2017) Obtido em <https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2017/11/28/34962-a-prata-sera-o-novo-bairro-que-vai-revolucionar-lisboa> consultado em 26 de Junho de 2018

¹⁰(Beato, s.d.) Obtido em <https://www.hubcriativobeato.com/#cBJOxtGRad> consultado a 29 de Junho de 2018

¹¹(Público, 2015) Obtido em <https://www.publico.pt/2015/09/25/culturaipsilon/reportagem/a-zona-j-quer-sair-da-redoma-1708678> consultado a 26 de Junho de 2018

¹²(Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado a 29 de Junho de 2018

Este bairro que acolhe várias etnias, culturas e gerações foi um projeto do arquiteto Tomás Taveira. Os prédios pintados com cores garridas, como azul, vermelho, rosa e amarelo serviam como “cartão de visita”, pois diferenciavam a zona à distância. Os habitantes da Zona J foram contestando pois sentiam-se discriminados, em nenhuma outra parte da cidade se notava tanta diferenciação. Ao longe, conseguia distinguir-se na perfeição onde se situava a Zona J; como se fosse um alerta de que aquele espaço era diferente.

Caracterizada como uma zona muito multicultural, o Bairro da Zona J é visto como um bairro pobre, excluído da grande Lisboa, tanto pelas histórias de violência que acarreta, como pela degradação e deterioração. Em relação a contextos habitacionais de pobreza e exclusão, como é o caso, destaca-se como traços típicos das relações entre este tipo de população e o seu meio os laços de vizinhança, o enraizamento local e os agrupamentos familiares.

Estavam criadas as condições para que novos guetos urbanos emergissem. A Zona J, agora Bairro do Condado, é o maior exemplo dessa política em que o realojamento de pessoas desenraizadas, com problemas sociais de toda a ordem, promoveu o aparecimento de uma “ilha” plantada no meio da cidade. Em Marvila, a percentagem de analfabetos, quase 7% (2.390 pessoas), é duas vezes mais do que a que existe em Lisboa (3%). Esta realidade numérica é conhecida e o estigma tem dificuldade em cair.¹³

A ideia de estigma está então presente quando se refere o bairro da Zona J. “A escassa visibilidade dos bairros de Chelas está, também, ligada à questão do estigma que, até agora, persiste de “guetos” de habitação para o realojamento de populações socialmente excluídas.” (Vidal & Cordeiro, 2008, p. 114).

Associado a esse conceito está também a noção de “marginalidade” e “desvio” que Becker esclarece:

Social groups create deviance by making the rules whose infraction constitutes deviance, and by applying those rules to particular people and labeling them as outsiders. From this point of view, deviance is not a quality of the act the person commits, but rather a consequence of the application by others of rules and sanctions

¹³(Renascença, 2016) Obtido em http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa consultado a 28 de Junho de 2018

to na “ofender”. The deviant is one to whom that label has successfully been applied; deviant is behavior that people so label. (Becker, 1963, p. 8)

Nesta perspectiva, Becker explicita que esta conceção de “rótulo” é baseada na ideia de que um “social deviant” não é propriamente uma pessoa desviante, pelo contrário, acabam por se tornar desviantes pois são rotulados como tal.

No entanto, os prédios pintados com diferentes cores “à la United Colors of Benetton” passaram a ter “tons mais esbatidos”¹⁴. Na opinião de Mónica Calle, este bairro é “um dos seus [Tomás Taveira] trabalhos mais interessantes em termos de escala, de proporção, de harmonia e de lugares públicos”¹⁵.

Para Mónica, não é um local “desumanizado”, e até admite que houve “um cuidado estético interessante nestes bairros construídos para retornados de todas as camadas sociais”.¹⁶

Se é residente na Zona J: acha que este bairro ainda é discriminado em relação à cidade? Acha que ainda é considerado um bairro marginal?

47 respostas



Quadro 4.1 – opinião dos residentes da Zona J acerca da discriminação e marginalização no bairro

Fonte: questionário

No âmbito dos questionários que realizei aos habitantes da Zona J, pretendi perceber qual o sentimento dos moradores em relação à visão do bairro pela restante cidade. Dos 47 inquiridos, com as idades compreendidas entre os 15 e os 78 anos, 31 pessoas responderam

¹⁴(Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado em 4 de Julho de 2018

¹⁵(Público, 2015) Obtido em <https://www.publico.pt/2015/09/25/culturaipsilon/reportagem/a-zona-j-quer-sair-da-redoma-1708678> consultado a 4 de Julho de 2018

¹⁶(Público, 2015) Obtido em <https://www.publico.pt/2015/09/25/culturaipsilon/reportagem/a-zona-j-quer-sair-da-redoma-1708678> consultado a 4 de Julho de 2018

afirmativamente, ou seja, consideram que este bairro ainda é discriminado e visto como um bairro marginal pela restante cidade; 3 pessoas responderam talvez, uma pessoa afirmou que não vive na Zona J, e as restantes 12 pessoas consideram que o bairro já não é visto dessa forma – que o estigma já não existe.

Foram muitos os processos que a Zona J ultrapassou de modo a desmistificar e desconstruir a ideia de bairro marginal e problemático. Um deles foi a destruição do “corredor da morte”. O “corredor da morte” era uma “espécie de retângulo formado pelos prédios, com corredores estreitos e escuros”¹⁷ onde se localizava um foco de violência, problemas sociais e que “acolhia os toxicod dependentes, prostitutas, jovens problemáticos do bairro, e onde se registaram algumas mortes”.¹⁸ O seu carácter labiríntico, com corredores estreitos e escuros, era associado a insegurança e violência e vivia na sombra do historial de problemas sociais. Para apagar e desagregar esse passado negro, foi necessário tomar medidas.

Por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, em Setembro de 2009, António Costa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, deu a “primeira martelada no lote 527, o primeiro de oito a serem desmantelados”¹⁹ de modo a destruir o “corredor da morte” e o estigma que ele acarreta no bairro. As obras que deram início à demolição do “corredor da morte” tinham também como objetivo “um reordenamento urbano no bairro, que será dotado de espaços ajardinados, bem como bancos e outros ornamentos que se traduzirão numa ampliação das zonas de lazer.”²⁰ Para além disso, foram também desenvolvidos planos de inserção para os jovens do bairro e projetos na prevenção da toxicodependência, com parcerias entre a autarquia, instituições da freguesia de Marvila e a Santa Casa da Misericórdia.²¹

Outro projeto relacionado com este bairro, mas que, ao contrário da demolição do “corredor da morte”, teve reações negativas associadas foi o filme intitulado precisamente “Zona J”. Este filme de Leonel Vieira, de 1998, foi um sucesso de bilheteira e foi premiado

¹⁷(TVI24, 2009) Obtido em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/zona-j/corredor-da-morte-morre-hoje-em-lisboa> consultado a 7 de Julho de 2018

¹⁸(Notícias D. d., 2010) Obtido em <https://www.dn.pt/portugal/interior/gangues-e-violencia-sao-imagens-ainda-associadas-a-zona-j-de-chelas-1614099.html> consultado a 10 de Julho de 2018

¹⁹(Notícias J. d., 2009) Obtido em <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/interior/corredor-da-morte-tem-os-dias-contados-1371541.html> consultado a 10 de Julho de 2018

²⁰(Notícias J. d., 2009) Obtido em <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/interior/corredor-da-morte-tem-os-dias-contados-1371541.html> consultado a 10 de Julho de 2018

²¹(TVI24, 2009) Obtido em <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/lisboa/corredor-da-morte-em-chelas-vai-abaixo> consultado em 10 de Julho de 2018

com dois globos de ouro de Melhor Filme. O enredo narrava a história de um amor impossível entre um negro e uma branca, os seus problemas familiares e, como cenário, apresentava a Zona J, condensando o que de pior se podia mostrar do bairro, como o racismo, discriminação, pobreza, violência, criminalidade - temas ainda tabus na sociedade portuguesa da época. “(...) Na objetiva de (...) Leonel Vieira (Zona J, ficção sobre um grupo de rapazes de origem africana habitantes de Chelas, com argumento de Rui Cardoso Martins) (...). E só aqui, (...) noções muito diversas de subúrbio – o das coordenadas geográficas, o da paisagem, o do exílio, voluntário ou não, o da exclusão sociológica, económica, étnica, o do sentido e do sentimento.” (Câncio, 2005, p. 8). Para quem não conhecia o bairro, ao assistir ao filme – e note-se que foram cerca de 250 mil espectadores – ficava automaticamente com uma imagem negativa e até algum preconceito relativamente ao bairro.

“Vera faz um “flashback” de quase 20 anos e senta-se de novo na cadeira de cinema de uma sala em Viseu. Acabou o filme e a reacção dos amigos que a acompanhavam foi: “Ui, é onde tu moras? Eu nem meto lá os pés”. “Fiquei triste”, afirma. “Quiseram dar só a parte negativa. Ninguém está lá em cima do telhado a fumar ganzas. Sofremos bastante com aquela imagem que deram desta zona”, recorda.”²²

A arte tem o poder de quebrar barreiras e de dar a conhecer. No caso específico do filme, a imagem que se transmitiu não correspondia exactamente à realidade, tendo sido uma imagem exagerada e dramatizada. No entanto, outros projetos surgiram de modo a desenvolver e integrar através da arte. Apesar de não se localizar exactamente na Zona J, o Espaço Lx Jovem, situado no Bairro do Armador, tem como objetivo “trazer pessoas de fora para Marvila, fazê-las viver o espaço e conferir à visita àquele bairro “normalidade” ajuda a diminuir o “estigma”.”²³. Segundo Mário Rui, chefe de Divisão para a Coesão e Juventude da Câmara de Lisboa, “queremos potenciar este local para que não seja um espaço para os jovens de Marvila, mas para os jovens de Lisboa. Este é mais um ponto na cidade”.”²⁴ Este espaço dispõe de uma sala de ensaios, de uma mini galeria de arte, um laboratório de fotografia analógica, uma biblioteca com acesso à internet e o auditório Sam the Kid – “o “rapper” mito

²² (Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado a 11 de Julho de 2018

²³ (Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado a 11 de Julho de 2018

²⁴ (Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado em 15 de Julho de 2018

da Zona J, o herói de Chelas, o rei do hip-hop português”.²⁵ Este espaço compacta um pouco de tudo o que os jovens necessitam atualmente para explorar a arte sendo, dessa forma, um grande apoio e incentivo para o desenvolvimento das artes e, ao mesmo tempo, um atrativo para pessoas não residentes na freguesia de Marvila.

Atualmente, e pela observação de campo que realizei, ao frequentar a Zona J, remete-me para uma pequena aldeia ou vila. As pessoas que passam na rua cumprimentam-se, todos se conhecem, existe um ambiente integrante e familiar nas ruas. Encontra-se idosos a jogar às cartas na rua, grupos de jovens a socializar e a ouvir música nas ruas, senhoras a conversar nos cafés. Existe uma ideia de comunidade, de sentido de pertença e entreajuda que não se encontra no centro da cidade. “Embora este bairro tivesse má fama no passado, era uma fama sem proveito. Claro que existe um pouco de tudo, mas aqui as pessoas entreajudam-se e isso é tudo”²⁶ refere uma habitante da Zona J em entrevista ao jornal Público. Para além disso, “por muito que possa surpreender quem aborda o bairro a partir de fora - como turista ou visitante, estudioso ou militante do património - a maneira como a população local vê o bairro é, antes de mais, como quadro de vida, análogo nesse sentido geral a qualquer outro, embora com um conjunto muito específico de particularidades ligadas, como se verá, não tanto a passados históricos longínquos, mas sobretudo às características do tecido social local contemporâneo.” (Costa A. F., 2008, p. 48).

Embora, nos dias de hoje, já exista uma grande evolução e desenvolvimento no bairro, não podemos deixar de admitir que ainda existe tensões. Apesar de já não existir o “corredor da morte”, dos prédios já não sobressaírem em relação à cidade, e de já não existir histórias de violência na Zona J ainda permanece um estigma e preconceito social em relação a este bairro. Ainda existe uma “memória social” que, segundo Connerton (1999), as “imagens dos espaços sociais, devido à sua estabilidade relativa, dão-nos a ilusão de não mudarem e de redescobrirem o passado no presente” (Connerton, 1999, p. 42). Daí surge o facto de a população de “fora” não esquecer o passado trágico da Zona J e ainda o associar ao presente. No entanto, existe uma discriminação de ambas as partes: as pessoas “de fora” consideram a Zona J um bairro violento, com pessoas marginais e os habitantes do bairro consideram que, se saírem do seu bairro, vão ser maltratados. Isto significa que:

²⁵ (Renascença, 2016) Obtido em <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao> consultado em 15 de Julho de 2018

²⁶ (Público, 2015) Obtido em <https://www.publico.pt/2015/09/25/culturaipsilon/reportagem/a-zona-j-quer-sair-da-redoma-1708678> consultado em 15 de Julho de 2018

(...) quem vive no centro tende a conotar negativamente quem habita na periferia. E o cumprimento é devolvido, com os da periferia a acharem o centro confuso, conflituoso e perigoso. Uma coisa é certa: muitas das zonas periféricas acabam por ser lugares de experimentação social e cultural. Não é por acaso que em muitos países é lá que irrompe a maior parte das movimentações culturais mais arriscadas. O facto de serem por norma espaços híbridos, onde pessoas de origens e condições diversas coabitam, tanto pode originar tensão como potenciar a criatividade. (Público, 2015)

Desta forma, por ser um bairro híbrido, que acolhe diferentes etnias e grupos sociais, acaba por se tornar num bairro mais rico culturalmente, mas, também, com grandes diferenças sociais. Num lado temos o bairro da Zona J, com apartamentos sociais e dificuldades económicas; no outro, numas ruas abaixo, existem condomínios privados com vista para o Tejo. Assim, existe grandes discrepâncias e diferenças sociais cada vez mais visíveis. Isto revela também que há um desenvolvimento no campo imobiliário e cada vez mais interesse das pessoas para se instalarem na freguesia de Marvila. Este também é um aspeto, a meu ver, que serve como prova de que a forma como as pessoas “de fora” olham para a Zona J e Chelas mudou. Já não existe receio de proximidade com o local, e este é um dos exemplos que prova isso mesmo. Para além disso, também a construção do Hospital Oriental de Lisboa, com início das obras em 2020 e abertura em 2023, junto à Zona J, é uma aposta para o desenvolvimento a vários níveis na freguesia. Não só garante condições de acesso a serviços de saúde como também, acredito, um desenvolvimento a nível de transportes públicos.

Outro projeto que se sediou na Zona J e que teve bastante relevância para o desenvolvimento do campo artístico no local foi a Casa Conveniente. A companhia de teatro conduzida por Mónica Calle mudou-se do Cais do Sodré para a Zona J em 2014. No capítulo seguinte irei abordar a história e o propósito de Mónica Calle ao transferir a companhia de teatro para a Zona J.

Para além da Casa Conveniente muitas são as instituições, associações e projetos localizados na Zona J com influências culturais e artísticas no bairro. Entidades como a companhia de teatro Cepa Torta, a Associação Guineense de Solidariedade Social em Marvila ou a Batoto Yetu têm um papel muito importante na integração social e desenvolvimento cultural no bairro. Irei também aprofundar este tema no capítulo “O papel da arte como ferramenta de integração social”.

A Zona J vive muito da essência da arte urbana. Existe um contexto urbano que propicia um ambiente genuíno envolto na história e características da *street art*. Em Portugal,

este bairro pode ser considerado como um berço da arte urbana, pois privilegia num só local a sua essência e engloba todas as expressões da arte urbana. O artista Sam the Kid, considerado o rei do hip-hop em Portugal, representa Chelas e a Zona J; o bairro está pintado por *graffitis*, mais uma forma de *street art*; e, quase que naturalmente, encontra-se grupos de jovens a ouvir hip-hop e a fazer música rap na rua; para além disso, existem escolas com grupos de dança de hip-hop.

Artistas como o Samuel Mira, mais conhecido como o músico rapper Sam the Kid, grande representante e ícone de Chelas e da Zona J em concreto, levam o nome deste bairro mais além. Dá a conhecer através das suas letras o bairro em que vive e do qual se orgulha. Para além das várias canções em que refere e nomeia a Zona J, também criou uma plataforma online intitulada TV Chelas. Este site, exclusivamente dedicado à arte urbana, mais concretamente ao hip-hop, levou o nome de Chelas e dos seus artistas mais longe.

No fundo, a Zona J, apesar de ser um bairro excluído da restante cidade, engloba uma comunidade baseada em relações reais e afetivas. A palavra que, do meu ponto de vista, melhor descreve a Zona J é identidade. A identidade cultural do bairro pode refletir-se de diferentes modos: em primeiro lugar, “pode referir-se à imagem social do bairro, tal como ela tende a incrustar-se nas representações sociais correntes no exterior, traduzida por exemplo em discursos como o turístico, o jornalístico, o olisipográfico ou o escolar”; Em segundo lugar, “pode reportar-se, também, aos sentimentos afetivos e às representações cognitivas que, no decurso do relacionamento social quotidiano, a população local vai desenvolvendo relativamente ao bairro em que reside”; e, por fim, “é suscetível, ainda, de ser usada, em registo analítico, como maneira de conceptualizar o perfil específico de dimensões relacionais e simbólicas articuladas, a configuração sociocultural singular que a pesquisa sociológica permite identificar nesse quadro social urbano.” (Costa A. F., 2008, p. 117). Estes três significados têm aceções e definições complexas; contudo, todos se interligam e se complementam.

Apesar de, no meu ponto de vista, a Zona J ter uma identidade cultural forte, não tem uma *prática identitária* ou uma forma de *cultura identitária* específica (como tem Alfama, por exemplo, com o fado) (Costa A. F., 2008, p. 143).

Estas práticas, ao inventarem um idioma comum que permite a partilha de um conjunto de significados, obedecendo a regras partilhadas de expressão e interpretação, participam de uma construção social da realidade, de uma definição da realidade que permite a coexistência, o convívio e a sua interação (Velho, 1994 : 188). (Cordeiro, 1997, p. 322)

Não tem uma festa popular, nem eventos que a caracterizem. No entanto,

para além das marchas populares, encontram-se expressões culturais, artísticas e musicais contemporâneas nas áreas de maior densidade populacional, em especial por Chelas, onde convivem grupos de rap, produtores de música eletrónica, grupos de dança africana e música cigana. Também por todo o território se encontram expressões artísticas no espaço público, da street art às esculturas e outras intervenções análogas. (Costa, et al., 2017, p. 203)

Isto significa que Chelas, em especial a Zona J, é muito rica artisticamente, pois é envolta em diferentes formas de arte e todos os grupos étnicos que constituem o bairro enriquecem-no com as suas expressões artísticas e culturais.

Do meu ponto de vista, a estratégia seria compreender o que de melhor a Zona J tem e divulgar para fora do bairro. Deixaria de ser algo apenas do bairro e passaria a pertencer também à cidade. Como refere Graça Índias Cordeiro, “esta é talvez uma das dimensões mais importantes de qualquer destas performances populares (...): exibirem-se para fora, para cativar grupos sociais diferentes dos que produzem tais manifestações teatrais e ganhar com isso, publicidade, dinheiro ou, apenas, uma existência socialmente reconhecida, numa cidade cujos mundos sociais, no quotidiano, se encontram relativamente segregados.” (Cordeiro, 1997, p. 322).

No entanto, e com o desenvolvimento de projetos culturais que cresceram no local, acredito que, um projeto como o Festival Zona Não Vigiada – que irei abordar no capítulo seguinte - com o passar do tempo, se torne numa *prática identitária* e que resuma aquilo que é a Zona J num evento: o culminar da arte urbana, o sentido de presença no bairro, o berço do hip-hop. O bairro em si já tem esse “tema preferencial, representando-o simbolicamente como entidade coletiva, veiculando a expressão de sentimentos de pertença” (Costa A. F., 2008, p. 143) – esse tema que é a arte urbana.

Em suma, a Zona J, descrita e caracterizada por muitos como um local de crime e marginalização, é hoje em dia um lugar tranquilo. É como se se tratasse de uma pequena aldeia. Para além disso, existe um grande carinho por parte dos moradores quando se fala da Zona J. Sente-se o orgulho de quem lá mora, a proteção que têm em relação ao bairro e às pessoas que lá vivem. Por ser um local tão pessoal, os moradores passam nas ruas como se fosse a sua própria casa. Este espaço tornou-se mais humano, e desmistificaram essa

reputação através de projetos como a destruição do “corredor da morte” e até mesmo com a criação de novos projetos culturais. A Casa Conveniente, como já referi anteriormente, foi um dos principais vínculos de transformação do bairro.

Como tornar central, através de um projecto artístico, um bairro-ilha chamado Zona J, eis a questão. Uma coisa parece certa: vai levar tempo a quebrar estigmas e a superar medos, e vai ser preciso insistir. Mas é possível, dizem-no Mónica Calle e a editora Príncipe, cada uma à sua maneira. Há momentos em que a arte pode antecipar transformações sociais, ou pelo menos contribuir para a acelerar. (Público, 2015)

Companhia de Teatro – Casa Conveniente

O projeto “Casa Conveniente” foi criado em 1992 por Mónica Calle, atriz e encenadora portuguesa, e hoje é um teatro e tem as suas instalações no bairro da Zona J, em Chelas.

A Casa Conveniente é uma companhia de teatro que desenvolve o seu trabalho de uma forma inovadora, em conjunto com a comunidade do bairro.

Foi num rés-do-chão no Cais do Sodré que nasceu o projeto e onde se estreou com a peça “Virgem Doida”, de Arthur Rimbaud.

A Casa Conveniente é assinalada por vários espetáculos que marcaram a sua história, no seu espaço no Cais do Sodré até ao final da década de 90 - “Menina Júlia” (1993, encenação²⁷ Fátima Ribeiro), “Jogos de Noite” (1994, enc. Mónica Calle) a partir de Stig Dagerman, “Os Dias que nos Dão” de Luís Fonseca (1999, enc. Mónica Calle) - e fora dele: “Crónicas” (CCB,1997, enc. Mónica Calle) a partir António Lobo Antunes, “Os Paraísos do Caminho Vazio” de Rosa Lixsom (Culturgest,1998, enc. Mónica Calle).

Após a constituição legal da entidade em 2000, foram possíveis condições para compor uma equipa e fortalecer as atividades. Foi possível juntar a Monica Calle e ao dramaturgo Luís Fonseca, as atrizes Ana Ribeiro e Mónica Garnel que incorporaram espetáculos como “Bar da meia-noite” (2000, enc. Mónica Calle) a partir de Fiama Hasse Pais Brandão, “As lágrimas amargas de Petra von Kant” de R.W. Fassbinder (2001, enc. Mónica Calle).

²⁷Abreviação encenação: “enc.”

Estrutura, organização e atividades

Com o desenvolvimento do trabalho e a estabilização criada, foi iniciando uma abertura a parcerias e iniciativas com diferentes entidades, constituindo coproduções em diferentes projetos. Em seguida irei apresentar alguns deles.

Em 2004 deu-se uma mudança, com deslocações para outra rua do Cais do Sodré. A antiga discoteca Lusitano serviu de nova casa para a Casa Conveniente, onde o projeto de remodelações foi executado pela própria equipa artística dando lugar a um espetáculo-limite: “A Missão, ou porque as raparigas continuam a querer ir para Moscovo” (enc. Mónica Calle). No novo espaço Monica Calle continua a estabelecer uma relação distinta com a palavra, ponto de partida de toda a construção imagética e cénica.

No ano de 2015 começou a migração para o espaço na Zona J. No âmbito da entrevista realizada a oito de Julho a Inês Vaz, atriz da Casa Conveniente, foi explicado o motivo da mudança. “A ida para a Zona J foi motivada pelo trabalho desenvolvido pela Casa Conveniente na Prisão de Vale de Judeus, ministrando aulas de teatro para reclusos. Desse trabalho surgiram relações afetivas fortes com o grupo de trabalho, sendo que, à medida que alguns dos reclusos iam saindo e cumprindo as suas penas, foram integrados em vários espetáculos da companhia. Muitos desses reclusos eram exatamente da Zona J. Quando deixou de ser possível e fazer sentido continuar o trabalho no Cais do Sodré, foi natural a escolha deste novo território para continuação e amplificação do trabalho. Criou-se uma associação cultural, a Zona Não Viguada, que integra exatamente ex-reclusos moradores da zona e membros ou colaboradores da casa Conveniente, e desenvolveu-se uma parceria com a Gebalis para a cedência de uma antiga loja que estava fechada, a uma renda menor/simbólica, para aí se construir o novo teatro, espaço que ainda se encontra em renovação.” (Vaz, 2018). A Gebalis é uma empresa que atua sobre 66 bairros em Lisboa, e promove a gestão dos bairros habitacionais de construção municipal, tendo como base critérios de proximidade, a conservação do património e a melhoria das condições de vida das populações residentes.

No fundo, os laços criados com alguns reclusos foram o principal motivo para a mudança da Casa Conveniente para a Zona J. Alguns deles acabaram por integrar o elenco da companhia de teatro. Em suma, a sua mudança teve em consideração as pessoas que Mónica conheceu em Vale de Judeus, e o facto de estes terem afirmado que “a Zona J tinha imensos

talentos, como músicos, pessoas com experiência em teatro, bailarinos ou até mesmo pessoas relacionadas com a moda” (Vaz, 2018). Desta forma, o facto de Mónica ter trabalhado em Vale de Judeus e ter tido contacto com pessoas da Zona J, serviu como ponte para conhecer o bairro e também a comunidade. Assim, abriram-se portas para criar relações entre moradores da Zona J e a Casa Conveniente, possibilitando o trabalho entre eles.

Mudar para a Zona J trouxe mais projetos à Mónica Calle e à Casa Conveniente do que era esperando. Começaram a existir colaborações entre a companhia de teatro e escolas (a escola Luís Verney no Bairro da Zona J, por exemplo) e surgiram novas iniciativas: por isso, este local revelou-se como ideal para conjugar trabalhos existentes e fazer pontes entre projetos. Desta forma, a Zona J apresentou-se como o lugar onde a companhia de teatro manifestou desejo em trabalhar com diferentes faixas etárias, como as crianças e adolescentes, tendo iniciado projetos e parcerias com escolas da freguesia. Segundo Mónica Calle, numa entrevista da Renascença sobre o estigma e preconceito do bairro da Zona J, demonstrou ser um “local ávido de um projeto profissional” (Renascença, 2016), visto ter artistas e talento para trabalhar e investir, como referido no artigo do website da Rádio Renascença, numa entrevista a Mónica Calle publicada na reportagem online dia 3 de Março de 2016.

Uma das iniciativas que a companhia de teatro tomou foi o ensino de música às crianças do bairro. As aulas de música foram lecionadas na escola Luís Verney no Bairro do Condado.

O foco é a guitarra clássica e a Casa Conveniente empresta os instrumentos musicais a cada criança, para que cada um possa desenvolver os ensinamentos obtidos e o sentido de responsabilidade. As aulas são dadas por 1 formador/professor e uma mediadora (BIP/ZIP, 2016). Com este projeto transmitiu-se a ideia às crianças de que se deve explorar o talento, e que a música, como as outras artes, podem ser um futuro, pois existe apoio da companhia nesse sentido. Para além de ser uma porta de acesso e capacitação à aprendizagem, é também uma maneira de desenvolver várias características nas crianças, como a criatividade musical, a disciplina e a responsabilidade.

Para além desta iniciativa, a Casa Conveniente desenvolveu workshops e espetáculos reunindo atores, amadores e profissionais, pessoas sem experiência na área, de todas as idades ou profissões.

As iniciativas da companhia Casa Conveniente miradas a envolver e dinamizar a comunidade acabam por ser um fator de integração da própria companhia no bairro, mas também das pessoas na comunidade. Desta forma, e questionando Inês Vaz da Casa Conveniente acerca da sua opinião em relação ao espaço da Zona J, e se é um local adequado para receber uma companhia de teatro: “a ida para a Zona J foi motivada pelas relações pessoais que já existiam com moradores do bairro (...). Essas pessoas ajudam a fazer pontes com a comunidade e integram os espetáculos. Assim sendo tudo se passou de uma forma natural.” (Vaz, 2018). Em relação às diferenças sentidas na mudança física da companhia, Inês Vaz admite que “obviamente que em termos de infraestruturas a rede de transportes é mais diminuta, o que é um entrave na captação de públicos. No caso da Casa Conveniente existia já um público fidelizado ao trabalho da companhia e que acabou por seguir o trabalho também na Zona J. Em relação ao trabalho com a comunidade convém criar relações com outras associações locais ou ter conhecimentos na zona.” (Vaz, 2018). Portanto, foi esta ideia de comunidade que fez com que a Casa Conveniente se mudasse para a Zona J. Segundo Mónica Calle, em entrevista ao jornal “Público”:

Acredito que o gesto artístico implica ética, comunidade e a possibilidade de uma relação ou de agir em pequena escala. Aqui estou longe de um centro – pelo menos de uma certa ideia de centro – onde existem conflitos e perdas de energia. É válido, mas não é a minha coisa. Sinto-me mais perto da vida e da possibilidade de interrogar o que é isso do gesto artístico, embora não seja de forma nenhuma uma coisa conceptual. (Público, 2015)

Deste modo, o trabalho da Casa Conveniente ganhou grande enfoque e importância para a comunidade local. O facto de trabalhar diretamente com a comunidade faz crescer o sentido de pertença e de ligação com o projeto e as pessoas. Segundo Dona Sanha, 70 anos, residente na Zona J há 30 anos, numa entrevista ao jornal Público: “Desde que o teatro veio para aqui que isto ganhou outra animação, e o festival é também bom porque é dessas coisas que sentimos falta. (...) É bom para o bairro, para pararem de dizer mal dele. Gosto muito de viver aqui. Nunca tive problemas. Às vezes dizem que há assaltos. Não sei. Deixo muitas vezes a porta aberta e se o faço é porque tenho confiança. O que existe, isso sim, é boa vizinhança.” (Público, 2015).

No fundo, a companhia de teatro tem vindo a realizar o seu trabalho numa vertente social, de integração, mas também com o intuito de desenvolver o seu trabalho a nível nacional. Um projeto com 26 anos, com o mais recente espetáculo *Ensaio para uma Cartografia*, tem vindo a ser distinguindo pela sua história e desenvolvimento cultural.

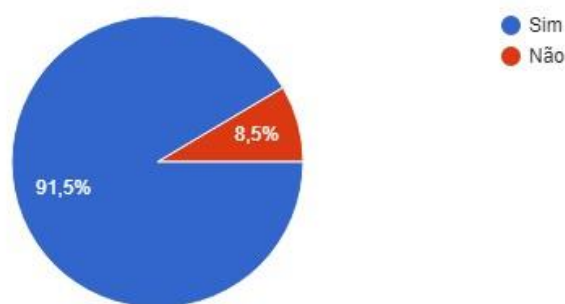
Mónica Calle foi reconhecida pelo Governo, em outubro de 2017, com o prémio Isabel Barreno – Mulheres Criadoras de Cultura, pelo seu trabalho com o projeto da Casa Conveniente.

No decorrer da entrevista a Inês Vaz, eu questiono o que é que a Zona J tem para oferecer e o que se pode dar à Zona J: “Uma das características que nos liga mais ao bairro é o sentido de comunidade, uma noção de bairro familiar onde todos se conhecem. Isso, neste momento, já é raro no centro de Lisboa. Há muita vivência de bairro. Pode oferecer respeito pelas dinâmicas próprias e pela identidade do bairro e a sua valorização. Também apoio para conseguir alterar as perspetivas de futuro desta população e do seu bairro.” (Vaz, 2018).

Após realizar inquéritos por questionário aos habitantes da Zona J, os resultados obtidos em relação à companhia de teatro foram muito positivos.

Conhece a companhia de teatro Casa Conveniente, sediada na Zona J?

47 respostas



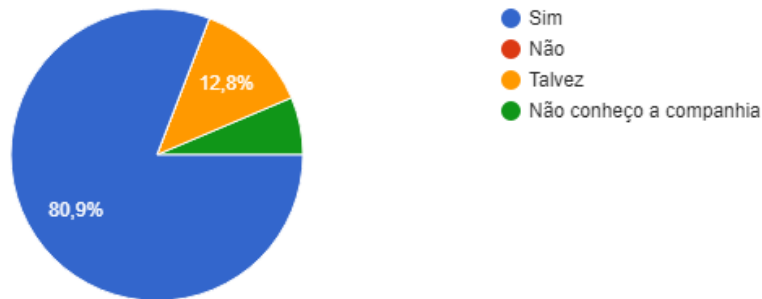
Quadro 5.1 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – Pessoas que conhecem a companhia

Fonte: elaboração própria

Em quarenta e sete respostas, conseguimos concluir que 91,5% da comunidade inquirida conhece a companhia de teatro Casa Conveniente (quadro 5.1).

Considera que esta companhia enriquece e contribui para o desenvolvimento artístico e cultural do bairro?

47 respostas



Quadro 5.2 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – contribuição artística e cultural da companhia

Fonte: elaboração própria

Em relação à opinião acerca do trabalho desenvolvido pela companhia (quadro 5.2), e pelo valor atribuído pelos inquiridos, 80,9% das pessoas considera que a companhia enriquece e contribui para o desenvolvimento artístico e cultural do bairro. Já 12,8% da comunidade questionada respondeu talvez. Por sua vez, 6,3% das pessoas que responderam ao questionário admite não conhecer a companhia de teatro.

Concluindo, a companhia de teatro Casa Conveniente desenvolve o seu trabalho no bairro em colaboração com a comunidade, e um dos seus objetivos passa também pela integração social do bairro. Este projeto criou várias iniciativas no bairro, como as aulas de música a crianças ou o Festival Zona Não Viglada. Do ponto de vista da população, e tendo em conta os questionários realizados, a comunidade apoia e reconhece o trabalho realizado pela companhia no bairro e com a comunidade. Desta forma, tem sido uma mais valia e um elemento bastante positivo para o progresso e crescimento do bairro.

O Festival Zona Não Viglada

Um dos projetos desenvolvidos pela Casa Conveniente e que teve muita visibilidade em relação ao que é feito no bairro foi o festival de música Zona Não Viglada. Os principais objetivos da criação deste festival eram a desmistificação do estigma e preconceito relacionado à Zona J e, conseqüentemente, de alguma forma, a integração do bairro.

«A vivência aqui é muito à base da música, nada é tão forte como ela no sentido de criar relações», afirma Mónica Calle, “e a ideia para o festival começa um pouco aí. Por um lado, interessa-nos apelar à participação das comunidades dos diferentes bairros da periferia, e é ao mesmo tempo também uma tentativa de aproximar o bairro da cidade, dando-lhe centralidade, trazendo pessoas de fora que de outra forma nunca viriam e tentando criar fluxos nos dois sentidos». (Público, 2015)

O festival, realizado pela primeira vez em Setembro de 2015, consiste num evento de música que apresenta vários artistas de diferentes vertentes musicais como o Rock, Punk ou Kuduro. O evento realiza-se em parceria com a Casa Conveniente, o festival Zona Não Viglada e a associação Filho Único (trata-se de uma associação cultural que desenvolve o seu trabalho em função da divulgação e produção de manifestações na área da música e produção artística, tendo em vista o progresso da arte).

O facto de ser um evento gratuito, na rua principal do bairro, e ser direccionado para a vertente do hip-hop são alguns elementos que tornam este festival bastante atrativo e fizeram dele “um evento de notável impacto.” (Abril, 2018).

Segundo Inês Vaz, o festival “surgiu exatamente pela constatação da importância da música no bairro, e na tentativa de criar uma iniciativa que tivesse em conta essa identidade do bairro e que pudesse ser apelativa a outros públicos exteriores. Nesse sentido foi criada uma parceria de trabalho com a Associação Filho Único.” (Vaz, 2018).

Desta forma, e foi sempre com essa ideia de que a Zona J é um “bairro-ilha”, que Mónica Calle, estrategicamente, pensou neste festival como uma forma de levar as pessoas a conhecerem o bairro. Assim, a diretora da Casa Conveniente encontrou uma razão para levar as pessoas a visitarem o bairro.

O festival foi um evento marcante e mediático para a companhia de teatro e os habitantes do bairro, pois foi um evento diferente, de partilha e união. “Um dos pressupostos deste festival é não haver patrocínios nem publicidade. Ele acontece num bairro e a nossa

ligação é com todo o bairro, e uma dessas ligações com o pequeno comércio” (Renascença, 2016), revela Mónica Calle. O projeto do festival, bem como a companhia de teatro, tem vindo a ser financiadas pela Direção-Geral das Artes e pelo programa BIP/ZIP Lisboa.

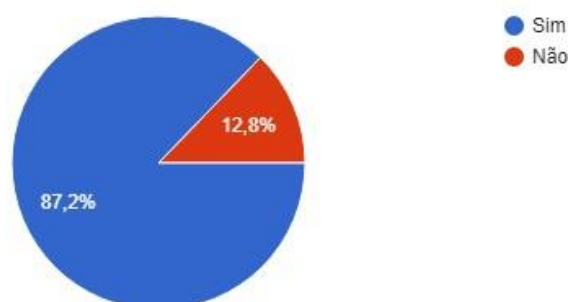
De acordo com o formulário de candidatura ao programa BIP/ZIP, o festival Zona Não Viglada conta com uma equipa de trabalho formada por: “1 responsável de produção; estagiária de produção; mediadora (parceira) assistência de produção; responsável pela comunicação; mediadora (parceira) assistência de comunicação; arquitecta (parceira); designer gráfica; fotógrafo; videasta; técnicos de palco; técnicos de som; programadores; músicos; coordenador (entidade promotora); 10 assistentes de produção.” (BIP/ZIP, 2016, p.14).

O feedback do festival acabou por ser bastante positivo, pois teve muita aderência, tanto de pessoas do bairro como de fora. “Foi brutal ver a reacção dos habitantes daqui. Primeiro, vês que as pessoas não se integram, andam ao redor, observam ao longe. Não entram no ringue. Questionam: ‘O que é que é isto? Tanta gente diferente’, revela. Passado o choque inicial, ‘ao fim do dia, todo o mundo dançava e convivia. Houve receio de abrir logo o jogo, mas [aquela transformação] foi mesmo brutal.” (Renascença, 2016).

Para além disso, a população da Zona J, demonstra interesse em colaborar e ajudar a Casa Conveniente, tanto nos eventos como o caso do Festival Zona Não Viglada, como no desenvolvimento do trabalho da companhia. “No caso do festival Zona Não Viglada também sentimos uma abertura na colaboração, ao nível da relação com o comércio local ao redor do recinto onde se passavam os concertos, na segurança e na limpeza do espaço. Também na participação dos ateliers de formação notámos uma boa adesão” (Vaz, 2018), afirma Inês Vaz. Em relação à opinião da comunidade sobre o festival Zona Não Viglada, e com base no questionário realizado aos moradores do bairro, 87,2% da comunidade inquirida conhece o festival (quadro 5.3).

Conhece o festival Zona Não Viglada?

47 respostas



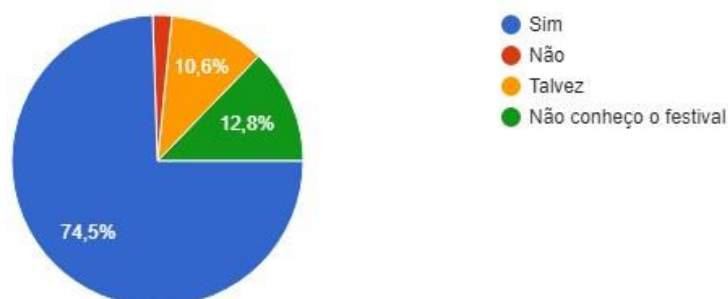
Quadro 5.3 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – Pessoas que conhecem o festival

Fonte: elaboração própria

Relativamente às repercussões do festival (quadro 5.4), 74,5% das pessoas inquiridas considera que o evento contribui para o desenvolvimento cultural e artístico do bairro. Neste caso, o valor percentual de pessoas que não conhece o festival é maior em relação à companhia de teatro (com 12,8%), e 10,6% da comunidade que respondeu ao inquérito considera que o festival talvez tenha essa consequência e influência no bairro. Por fim, 2,1% da população questionada admite que o evento não tem consequências positivas no desenvolvimento cultural e artístico do bairro.

Acha que este festival contribui para o desenvolvimento cultural e artístico do bairro?

47 respostas



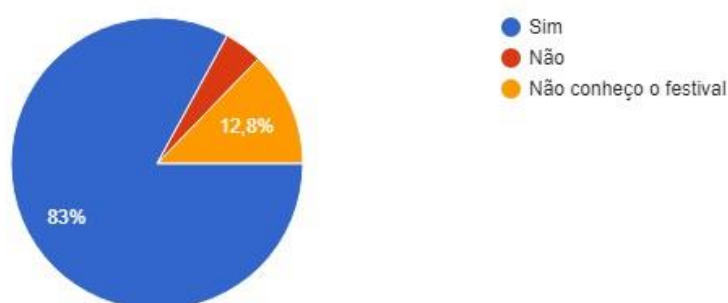
Quadro 5.4 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – contribuição cultural e artística do festival

Fonte: elaboração própria

Em relação à participação e aderência do festival (quadro 5.5), 83% das pessoas considera que o evento teve muita aderência. 12,8% revela não conhecer o festival, e 4,2% considera que não teve muita aderência.

Considera que este festival teve muita aderência?

47 respostas



Quadro 5.5 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – aderência do festival

Fonte: elaboração própria

Relativamente ao público que participou no festival (quadro 5.6), os moradores inquiridos consideram que o festival foi frequentado também por pessoas não residentes na Zona J (84,4% das pessoas questionadas deu esta resposta), 11,1% dos habitantes referiu não conhecer o festival, e 4,5% considera que o festival aderiu apenas moradores do bairro.

Se sim: por parte apenas dos moradores da Zona J?

45 respostas



Quadro 5.6 – Gráfico resultante do inquérito por questionário realizado aos habitantes da Zona J – público do festival

Fonte: elaboração própria

Em suma, este festival tem como finalidade a realização de um evento com impacto e com a participação de músicos nacionais e internacionais. Uma das características é o relacionamento com o comércio local e a comunidade, que contribui para uma maior proximidade, coesão social e inclusão. Um dos principais objetivos passa por proporcionar uma maior visibilidade da companhia de teatro Casa Conveniente e do próprio festival Zona Não Viguada na cidade de Lisboa, essencialmente. A ideia deste projeto é também criar uma memória coletiva e contribuir para a inclusão e integração social.

No fundo, e com base no trabalho desenvolvido com os inquiridos por questionário, consigo concluir que o festival Zona Não Viguada tem um impulso muito positivo na comunidade, pois consegue chegar a todas as faixas etárias, e tem poder no desenvolvimento cultural e artístico da comunidade.

A arte urbana e o seu papel no bairro da Zona J

A comunicação é um elemento essencial da vida humana, que permeia todos os aspetos e recorre à vertente não verbal que tem um papel tão importante quanto a linguagem verbal, e estas tendências são sempre mais relevantes na era digital. São muitos os suportes que carregam palavras ou imagens criadas por indivíduos que desejam partilhar criatividade, sentimentos ou pensamentos, de forma a interagir e deixar uma mensagem para quem os recebe e os pode partilhar, recriar, reproduzir.

A comunicação é parte fundamental da sobrevivência do Homem e desde muito cedo se percebeu que a arte seria uma das formas de transmitir emoções, sentimentos ou ideologias. Assim, a evolução da arte dá-se a par da evolução do Homem, e ao longo dos tempos, a mensagem modificou-se conforme a realidade da sociedade em que se insere. (Apolónia, 2014, p. 6)

Segundo Cristina Apolónia (2014), a arte é uma das formas de comunicação que se tem vindo a desenvolver e a acompanhar os progressos do Homem. Desta forma, faz parte da vida diária das pessoas pelo mundo, e é uma forma de comunicação bastante eficaz.

A arte urbana não é exceção. É uma forma de arte ligada à cidade e às ruas, que se exprime de diversas formas – seja através de desenho nas paredes e murais da cidade (*graffiti*), seja pela música ou dança (hip-hop). Na perspectiva de Vanda Teixeira (2015), “a Arte Urbana é considerada a arte que é realizada nas ruas da cidade, ou seja, no espaço público e que tem como objectivo alcançar o maior número de pessoas. Podem ser pinturas, esculturas, instalações, pode ser tudo o que pertence ao mundo da arte em contexto de rua.” (Teixeira, 2015, p. 22).

Segundo Sara Rodrigues Eugénio (2013), “a arte urbana é um símbolo representativo da liberdade de expressão e da democratização da arte, uma vez que está nas ruas acessível ao olhar de todos, sem que estes tenham que se deslocar a espaços institucionais como museus ou galerias.” (Eugénio, 2013, p. 3). Por esta razão, tem um grande poder de comunicação para com a comunidade, pois expressa-se pelas ruas, de forma a chegar a todos.

Riggle (2010) descreve a arte urbana como “uma prática de arte que, em vez de deliciar meramente as sensibilidades refinadas de uma pequena elite, tem o poder de intervir, sem esforço e esteticamente, as massas através do seu manifesto de criatividade, habilidade, originalidade, profundidade de significado e beleza. O que eu lhe pedi para imaginar é encarnado na prática da arte urbana.” (Riggle, 2010, p. 243).

O recurso à arte para expressar e representar exigências e realidades, acompanha a evolução da história do homem e nos últimos 30 anos chega aos espaços urbanos onde intervenções artísticas são realizadas por criativos profissionais e amadores em todo o mundo, a partir do *graffiti* e recorrendo as diversas correntes do que é geralmente definido como arte urbana. Desta forma, os espaços, as paredes e os muros das cidades revelam-se como o destino destas práticas. A vida urbana e a arquitetura acabam por completar e contextualizar a estrutura em que a peça foi realizada. A cidade é por antonomásia um lugar de interações humanas, pois embarca uma grande diversidade de grupos sociais, instituições e indivíduos. Assim, a rua é a grande base das dinâmicas do espaço público urbano, e engloba variados estilos da arte urbana ou *street art*.

Atualmente, a paisagem urbana é palco de uma abundância de mensagens de diversa ordem. A arte urbana tem diferentes formas de expressão, criando laços com diversos domínios do mundo artístico, cultural e social. Estas manifestações têm vindo a ganhar cada vez mais reconhecimento, e apresentam um potencial cultural, estético e até económico. A arte urbana é, então, atualmente, um elemento essencial nas cidades por todo o mundo.

Tendo em conta que a cidade contemporânea vive de um espaço relacional, a imagem ganha um papel muito importante nesse sentido, pois está ligada ao sistema de relação e comunicação entre os habitantes. Assim, “(...) essas marcas nos muros, nas vitrinas ou em outros espaços, são signos de reconhecimento, que servem para reconfortar e estabelecer vínculos sociais.” (Maffesoli, 2011, p. 72). Desta forma, a arte urbana está presente nas cidades contemporâneas e garante uma ligação com a vida dos cidadãos, criando trocas de ideias entre as mensagens deixadas nos muros da cidade e os cidadãos.

Na viagem que nos conduz por dentro dos meandros da cidade, vamos à descoberta da sua própria geografia multissensorial, que afecta os nossos sentidos, as nossas emoções. O aspecto visual, inserido num ambiente de hipertrofia ocular, que caracteriza o nosso mundo, designa assim esta “geografia”, que será então estruturada por uma intensa solicitação visual. (La Roca, 2011, p. 51)

A arte representada pela cidade revela, não só relações de poder, como também a memória “enquanto elemento agregador do espaço público no plano simbólico (Hayden, 1995)” (Sequeira, 2015, p. 81). Por consequência, a arte pública tem o papel de intercessor entre a cidade e os cidadãos, tendo o poder de estabelecer uma transformação social e incentivo à cidadania.

Em específico, a arte urbana em Lisboa, sendo num contexto projetado ou espontâneo, tem a capacidade de, através de artistas criativos, estabelecer relações entre o espaço e os indivíduos.

Estas expressões artísticas tem conquistado o seu lugar no mundo das artes e nas sociedades, sendo que tem existido aposta para o desenvolvimento das mesmas. Um dos exemplos, que é um projeto de incentivo a estas manifestações artísticas, é a GAU – Galeria de Arte Urbana da Câmara Municipal de Lisboa. A GAU tem como principal objetivo a “promoção do graffiti e da *street art* em Lisboa, dentro de um quadro autorizado e segundo uma ótica de respeito pelos valores patrimoniais e paisagísticos, em oposição aos actos ilegais de vandalismo que agredem a Cidade.” (Urbana, 2016). Este projeto é, atualmente, um programa de referência a nível nacional e internacional, e tem como missão seis áreas principais de atuação: intervenção artística, divulgação e sensibilização, animação e pedagogia, inventariação e internacionalização. A GAU, que já deixou o seu registo um pouco por toda a cidade de Lisboa e sua periferia, tem feito um trabalho notável na requalificação através da arte e no aproveitamento de espaços urbanos.

Para além disso, a GAU tem, integrado no seu projeto, o Festival Muro, que se trata de um Festival de Arte Urbana que, em cada ano, se localiza numa freguesia diferente. No ano de 2017, o palco deste festival foi a Freguesia de Marvila, e as peças foram realizadas em três bairros distintos: bairros das Salgadas (referência Rua Dinah Silveira de Queiroz), Quinta Marquês de Abrantes (referência Rua Alberto José Pessoa) e Bairro da Quinta do Chale (referência Rua José do Patrocínio). Esta edição do Festival de Arte Urbana – MURO LX 2017 foi concretizada ao abrigo da cidade de Lisboa enquanto Capital Ibero-Americana da Cultura. Os autores dos trabalhos desta edição são residentes desta área geográfica, e representaram nas suas peças a cultura presente nestes espaços.

Desta forma, o *graffiti*, manifestado de forma verbal ou pictórica, têm uma existência importante na paisagem urbana. ”Podemos, eventualmente, encarar a existência de uma cultura visual urbana (Wells, 2007) dada a especificidade de agentes, gramáticas e mecanismos de comunicação que conseguimos antever neste territórios.” (Campos R., 2009, p. 47).

O *graffiti* é uma forma de expressão que já remota à antiguidade clássica, pois desde sempre existiu esta necessidade de comunicar com o outro. É uma expressão que se tornou global, apesar de ser associada uma linguagem marginal e de vandalismo. No entanto, esta forma de arte foi evoluindo e é hoje em dia cenário de muitas ruas no mundo. Atualmente, o *graffiti* está inserido naquilo que é a arte urbana ou *street art*.

Além disso, o *graffiti* tem vindo a conquistar cada vez mais um papel na sociedade e nas cidades portuguesas. Apesar de ainda existir alguma controvérsia em relação a este tema, o *graffiti* já faz parte das paredes de Lisboa onde muitas vezes encontramos fortes críticas ao Governo, à hipocrisia, ao desemprego, e a tantos outros tópicos da atualidade. O *graffiti* é então uma voz do povo, utilizando a cidade como tela para chegar a todos.

A cidade em si, pode ser entendida como uma tela ou uma sucessão de telas, disponíveis para apropriação e comunicação da cultura que nela vive manifestando-se visualmente, fazendo do registo visual o principal influente.
(Papa, 2017, p. 14)

A imagem, o desenho e a escrita são os meios de produção do *graffiti*. Exposto num espaço público, urbano, muitas vezes as imagens ou palavras têm carácter político ou cultural. A ideia pode ir de encontro àquilo que é a publicidade, mas com propósitos diferentes, isto é,

contestando as mensagens de triunfo do universo comercial e combatendo a realidade da publicidade.

A ocupação da parede, para fins artísticos, como o *graffiti*, é uma maneira de tentar transformar a imagem das cidades, assinalando a existência (pessoal ou coletiva), procurando destaque e, por fim, comunicando. Desta forma, o *graffiti* corresponde a uma relação muito direta de uma pessoa ou grupo com a forma urbana e certos suportes do espaço urbano, destacando-o e territorializando-o.

As paredes parecem, também elas, servir cada vez mais para expressar não apenas uma revolta difusa, mas para acicatar o poder político, satirizar a classe partidária e afrontar o status quo. Através de palavras, de slogans, de murais pintados a aerossol ou através da técnica do stencil, vários são os exemplos destas manifestações que pude recolher nas ruas de Lisboa. As imagens fotográficas que aqui se reproduzem visam, precisamente, retratar esta dinâmica de manifestação popular. (Campos R., 2014, p. 2)

A Zona J é um lugar em que a arte urbana se desenvolve de forma autêntica, pelas vivências dos artistas. É, assim, local privilegiado para o desenvolvimento criativo e genuíno, sendo um espaço urbano com características únicas. Quem visita e conhece a Zona J, percebe que uma das formas de arte urbana mais visível é o *graffiti*.

Especialmente relevantes são os *graffiti* executados no espaço público, disponíveis para uma incomensurável plateia. A falta de identificação de um destinatário particular torna esta forma de comunicação ainda mais curiosa, assemelhando-se às estratégias comunicativas da propaganda política e da publicidade. (Campos R., 2014, p. 1)

Em 2015, na sequência do projeto “Há arte no bairro”, da GAU, a Zona J foi também cenário de interveniência. Este projeto surgiu no âmbito do ciclo de trabalho dedicado a bairros municipais, em parceria com a GEBALIS - Gestão do Arrendamento Social em Bairros Municipais de Lisboa e o Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe (CSPSMK). O projeto envolveu workshops, ações de sensibilização sobre arte urbana e visitas guiadas. A ideia foi desenvolver como trabalho final do projeto um mural coletivo no bairro, situado numa das ruas principais. Desta forma, os artistas foram as crianças e jovens do bairro (e utentes do CSPSMK) juntamente com Smile (artista de *graffiti*), e retrataram as vivências, paisagens e histórias locais (figura 6.1 e 6.2). Na sequência deste projeto, a GAU admite que “a arte urbana pode constituir uma ferramenta importante para a inclusão social,

para atenuar tensões sociais e culturais e para a promoção do diálogo entre gerações." (Público, 2015).

Do meu ponto de vista, o facto deste projeto ter tido lugar na Zona J revela que, de alguma forma, é um espaço em integração na restante cidade, pois houve este investimento no local. Desta maneira, revela-se como um projeto com uma vertente social pois, para além de da integração do bairro na cidade, também consistiu na integração de crianças e jovens do bairro, que foram as protagonistas deste trabalho.



Figura 6.1 – *Graffiti* no bairro da Zona J “O condado depende de nós”; Fonte: web site GAU: <http://gau.cm-lisboa.pt/mapa.html>

Créditos: © CML | DMC | DPC | José Vicente 2015



Figura 6.2 – *Graffiti* no bairro da Zona J; Fonte: web site GAU: <http://gau.cm-lisboa.pt/mapa.html>

Créditos: © CML | DMC | DPC | José Vicente 2015

Desta forma, e sendo este bairro um espaço em que se vive as artes urbanas, o *graffiti* acaba por representar muito da história da população e da sua identidade. “A cidade é, neste contexto, tomada como artefacto cultural, uma fabricação histórica participada por agentes com poderes e desejos desiguais.” (Campos R., 2009, p. 47).

No âmbito da realização de questionários realizados aos moradores do bairro da Zona J, e na questão “considera os *graffitis* uma arte?”, os 47 inquiridos responderam “sim”. Na questão em que coloquei uma pergunta aberta sobre a opinião dos *graffitis* no bairro da Zona J as respostas foram todas positivas, entre elas “dinamizam a zona”, “deveriam de dar autorização para mais *graffitis*”, “fazem parte do bairro”, ou “a favor da arte urbana”. Assim, e de acordo com as respostas do questionário, concluí que a comunidade apoia as artes urbanas no bairro e sente que elas fazem parte da sua autenticidade.

Em suma, o *graffiti*, que começou a sua história por ser associado a atos de vandalismo, à noite e à ilegalidade, incompreendido pela sociedade é, atualmente, cenário de cidades por todo o mundo. Foi ganhando prestígio e foi desenvolvido de forma a que, nos dias de hoje, seja considerado uma forma de arte com cada vez mais reconhecimento.

No entanto, não só do *graffiti* vive este bairro. Outras expressões da arte urbana são relevantes e têm um papel muito importante na Zona J. Uma delas é o hip-hop. Como já referi, a Zona J tem dinâmicas sociais que se baseiam muito em sociabilidade de rua. Assim, quem conhece ou reside no bairro, pode deparar-se com grupos de jovens na rua, a socializar, ou mesmo a ouvir música ou a cantar. Este estilo de vida urbano é muito próprio deste bairro, pois tem toda esta essência direcionada às artes urbanas. Como uma das maiores provas disso mesmo, é o facto de existirem artistas originários da Zona J que conseguiram obter grandes carreiras e destaque a nível nacional. O maior exemplo é o Sam the Kid, proveniente da Zona J. Mesmo nas suas canções o artista acaba por fazer a descrição do ambiente vivido em Chelas; os problemas, mas também o orgulho que sente por lá viver. Além disso, como já referi no capítulo “O bairro Zona J em Lisboa”, destinado ao bairro Zona J, o artista criou também uma plataforma online denominada TV Chelas, dedicada à arte urbana, mais concretamente ao hip-hop.

A arte urbana, enquanto tendência e estilo de vida, está muito presente neste bairro. Faz parte da sua identidade cultural, pois pertence ao estilo de vida da comunidade.

A arte na rua, independente das movimentações do «mundo da arte», está intimamente ligada à cultura popular e à história quotidiana da humanidade, e,

retomando o título deste trabalho, é nos muros das cidades que encontramos o seu habitat. (Sequeira, 2015, p. 35)

Deste modo, se analisarmos, muitas das expressões artísticas derivadas da arte urbana são parte das vivências da Zona J. Prova disso é que, na freguesia de Marvila, não só existe um espaço dedicado à arte urbana, como é a Galeria Underdogs, como também existe o Spotreal, dedicado à prática do parkour. Isto revela que se apostou nesta freguesia para desenvolver algumas dinâmicas da arte urbana, visto que ela própria tem grandes referências e ações nessas áreas.

Também o hip-hop na sua vertente de dança está presente no bairro. Existe espaços como associações ou instituições que têm os seus grupos de dança, geralmente mais direcionado para os jovens e crianças.

No fundo, todas as formas artísticas presentes no bairro acabam por enaltecer o ambiente de pertença e orgulho experienciado pelo artista e habitante do bairro. Seja pelo *graffiti* “O Condado depende de nós” ou da música do Sam the Kid “Chelas é o sítio, Chelas é o berço”.

Em suma, a arte urbana assume-se, atualmente, como uma forma artística, tendo a rua como cenário de exposição, um museu ao ar livre:

The new concept of urban art resists being caged within the walls of factories in outlying areas. Its motives are much broader than those of thirty years ago – we can speak of a new ‘renaissance’, an explosion of creativity, new ideas, and talent with thousands of artists from all over the world who display their innovative works of art on the streets, using them as a gigantic museum. (Martinez, 2013, p. 7)

Para além disso, conseguimos perceber que a Zona J é constituída um pouco por toda a arte urbana na sua plenitude. Existem projetos desenvolvidos no bairro que tiveram o *graffiti* como base para reunir a comunidade e melhorar o aspeto do mesmo (como o projeto “Há arte no bairro”) e, para além disso, existe um passado ligado às artes urbanas que ainda persiste no ambiente vivido pelo bairro.

Em suma, as artes urbanas caracterizam o bairro e tornam-no um local tão peculiar pois, através do seu quotidiano, conseguimos encontrar a presença das artes urbanas, seja

através dos murais ao longo do bairro, seja pela presença da música que é ouvida pelos habitantes que se reúnem nas ruas.

O papel da arte como ferramenta de integração social

De acordo com o Relatório Conjunto da Inclusão Social (2004), a finalidade da integração social é assegurar o direito “aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiarem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem. Assegura-lhes, pois, uma participação acrescida no processo decisório que afecta as suas vidas e o acesso aos seus direitos fundamentais” (Europeias, 2003, p. 9). Assim, a integração social refere-se à participação social, onde se encontram diversos estilos de vida, valores e comportamentos e se partilha experiências, sendo estes elementos uma mais valia para a constituição da sociedade. A integração social permite a partilha e expressão de ideias divergentes e a participação social, permitindo a prática de diferentes comportamentos e competências.

Deste modo, a integração social é um processo que visa a inclusão de minorias numa sociedade. Existe, atualmente, a necessidade de pôr em prática planos para que combatam a exclusão social.

A sociedade portuguesa atual, composta por muitas diferenças sociais, acaba por ser um lugar multicultural, constituído por diferentes pessoas, de diferentes etnias, religiões ou escalões sociais.

Cultura é anunciada como um conceito amplo, que não se esgota numa única abordagem. Interessa-nos refletir sobre a sua dimensão social enquanto elemento agregador e potenciador de inúmeras dinâmicas sociais que visam a cidadania e o desenvolvimento e se interrelacionam com outros âmbitos da vida social. (Felizardo, 2012, p. 33)

Assim nesta sociedade de diferenças e discrepâncias, exacerbam-se sentimentos conflituais como o desprezo, a hipocrisia, a incompreensão, a indiferença, a injustiça e insegurança e crescem os problemas sociais associados como a discriminação, a violência e a

exclusão. Inúmeros estudos multidisciplinares apontam para os níveis de qualidade de vida, o empobrecimento, individualismo, marginalização e o racismo, como alguns dos fatores principais que geram contextos e realidades de exclusão social.

A exclusão consiste não somente na impossibilidade económica de escolher o seu alojamento ou qualquer outro bem de carácter simbólico que, contudo, a sociedade urbana impõe ou propõe como norma de integração, mas resulta também da imagem social estigmatizante de algumas categorias de população, imagem esta que é elaborada a partir de diferenças objetivas (físicas, tais como as origens étnicas, materiais, tais como o aspeto da construção ou a sua localização, sociológicas, psicológicas ou culturais) interpretadas como sinais de desvalorização social pelos outros grupos. A exclusão não se situa unicamente na ordem económica ou material, situa-se também na ordem simbólica, a das representações que os indivíduos ou os grupos fazem de si próprios e dos outros. (Clavel, 2004, p. 62)

Desse modo, a integração social é uma prática que procura introduzir indivíduos ou grupos em realidades sociais maiores, com padrões e princípios mais comuns. Segundo Rui Pena Pires “no plano social, integração é o modo como indivíduos autónomos são incorporados num espaço social comum através dos seus relacionamentos, isto é, como são constituídos os laços e símbolos de pertença coletiva.” (Pires, 2012, p. 56). Existindo uma inserção e agregação das pessoas dentro de uma comunidade, cria-se um ambiente de estabilidade entre os elementos da sociedade. Assim, existe trabalho que pretende combater a ideia de exclusão social e discriminação, realizado por associações, entidades ou instituições, de forma a, recorrendo a diferentes meios (através da arte ou desporto, por exemplo), consigam reunir interesses comuns e desenvolver atividades de modo a criar ligações e contacto entre as pessoas.

Na opinião de Goodland, Hamilton e Taylor (2002) apesar do papel potencial das artes na inclusão social ainda necessitar de mais compreensão, já é muito reivindicado para esta causa. Para os autores algumas evidências dos benefícios das artes encontram-se disponíveis, particularmente, no estudo de Kay e Watt (2000) sobre o papel das artes na regeneração, encontraram evidências de que as artes podem: “melhorar o desenvolvimento pessoal dos indivíduos”, “atrair pessoas que de outra forma poderiam ser atraídas para participar em atividades da comunidade”, “melhorar a imagem do território”; atrair investimento económico”, “contribuir para o processo de desenvolvimento da comunidade “ e pode “conduzir à formação e emprego “ (p.6,7). Ainda a este respeito, Jermyn (2001) refere que “tem vindo a crescer o interesse do setor político sobre a investigação que foca o impacto social das artes, sendo que mais recentemente, o foco de atenção incidiu sobre a contribuição das artes para a renovação de bairros e para a inclusão social” (p.12). (Felizardo, 2012, pp. 40, 41)

Segundo esta citação, e com base em diferentes autores, acredita-se e defende-se que as artes têm um papel muito importante na inclusão e integração social. Alguns dos benefícios foram referidos pela autora e permitem, num contexto de partilha em comunidade, e no âmbito de práticas artísticas, conhecer novos costumes culturais, novas formas de expressão e ideias, permitindo a relação entre a população entre si.

”A arte pode ser um motor para pensar sobre a identidade de bairro, para promover improváveis relações, fortalecer laços de vizinhança e estabelecer pontos de contacto entre os membros de uma população, ou de uma comunidade urbana” (Rodrigues, 2017, p. 109) sendo, assim, o foco principal para abordar a integração social neste capítulo.

A arte tem, então, um papel imprescindível em relação ao combate à exclusão social, pois trata-se de uma forma de expressão que transpõe modos de sentir e de exprimir. Desse modo, através da arte, cada pessoa tem a sua maneira de sentir e expressar, de interpretar ou perceber o mundo.

A arte pode contribuir para o bem-estar e para a inclusão social se, por meio das suas ações, os membros da comunidade descobrirem novas potencialidades de revalorização das suas faculdades e competências (que talvez já estivessem esquecidas, ou que nunca tivessem sido descobertas); se adquirirem novos sentimentos de pertença e se encontrarem, ou recuperarem, afinidades, gostos e aptidões em comum. Alguns dos benefícios das atividades e expressões artísticas são o prazer da autodescoberta, através do fazer e do experimentar, e o despertar da curiosidade pela novidade do mundo, pelo muito que ainda existe por ver, sentir, tocar, ouvir e comunicar. (Rodrigues, 2017, p. 109)

No fundo, a integração social objetiva a igualdade de oportunidade, a qualidade de vida para todos os indivíduos, com direito a participar na vida política, económica e social da sociedade.

Num ponto de vista mais específico, a freguesia de Marvila, sendo, como já apresentei, uma periferia da cidade de Lisboa em que se encontra alguns problemas sociais como a pobreza, a discriminação e o racismo, por exemplo, é um espaço em que existe exclusão social. É, portanto, um local com necessidade de intervenção social.

A Zona J, como já referi em capítulos anteriores, é um bairro localizado na freguesia de Marvila, e engloba minorias, de diferentes etnias e grupos sociais, grupos de pessoas que são marginalizadas por motivos diferentes, raciais, socioeconómicos e culturais. É, portanto, um

bairro que manifesta exigências diferentes de intervenção para melhorar a exclusão e marginalização dos seus moradores, e evidentemente estas necessidades não podem ser desempenhadas por uma única entidade ou organização para serem o mais eficazes possíveis, mas necessita-se de um esforço de coordenação e trabalho conjunto entre instituições públicas, organizações de diferentes sectores, cidadãos do próprio bairro e no geral da cidade de Lisboa, tendo sempre em conta a sua contextualização no panorama português e os fatores globais que influenciam a nossa sociedade atual. Segundo dados fornecidos pelo projeto Rés-do-chão, existem cerca de 16 entidades que realizam o seu trabalho na Zona J, entre eles a Associação Cristã de Reinserção e Apoio Social, a Associação de Reformados do Bairro do Condado Marvila e a Associação de Moradores do Bairro do Condado.

A Zona J é, efetivamente, um lugar onde houve aposta e desenvolvimento de planos para o fomento da integração social também pelo meio artístico, de modo a criar relações entre grupos, e expor ideias e experiências.

Um projeto que se dedicou a esta missão de integrar minorias da Zona J foi a Casa Conveniente. Como já abordei no capítulo destinado a esta companhia de teatro, desde que esta se mudou para a Zona J, sempre existiu uma união entre a comunidade e o projeto. A ideia foi incluir a comunidade e os pequenos grupos sociais - não só minorias étnicas, como também pessoas em situações desfavorecidas, quer pela situação económica, falta de oportunidades ou ocupação - nos seus trabalhos, de modo a existir uma colaboração e descobrir e desenvolver alguns talentos. O facto de proporcionarem à comunidade oportunidades como a participação em workshops é um fator que ajuda a integrar a população e a desenvolver aptidões. Durante a entrevista realizada à Inês Vaz da Casa Conveniente, a integração social “é a nossa premissa e o nosso objetivo. No entanto preocupa-nos a gentrificação. Pensamos que essa integração deverá ser feita preservando e apoiando a comunidade, as pessoas. Elas fazem o bairro. Preocupa-nos que num futuro esta comunidade mais desfavorecida seja afastada para zonas mais periféricas, para que o centro se expanda para esta zona.” (Vaz, 2018).

O trabalho desenvolvido na companhia de teatro baseia-se muito na ideia de promover o sentimento de comunidade e a partilha de ideias e experiências entre elementos da companhia e moradores do bairro. O próprio festival Zona Não Viglada tem um papel importante na criação de um percurso na integração social para o bairro.

Não é fácil derrubar marcadores sociais estereotipados. Mas é possível. Através da arte, por exemplo. É nisso que acredita a companhia Casa Conveniente da encenadora Mónica Calle ou a associação Filho Único, numa cidade em trânsito, nem centro nem periferia, nivelada pela vontade de se envolver. Há dois anos criaram o festival Zona Não Vigiada, na Zona J, Bairro do Condado, Chelas, no ringue de futebol, a lembrar as festas dos bairros nova-iorquinos que popularizaram o hip-hop nos anos 80. (Público, 2017)

O festival Zona Não Vigiada acaba por reunir moradores, não moradores, artistas, pessoas de outros lugares. A comunidade une-se para a realização do projeto, e verifica-se uma colaboração plural no trabalho a desenvolver como por exemplo na organização do espaço onde se concretiza o festival. Desta forma, este trabalho em comum é realizado com o objetivo final de produzir um evento que reúna as pessoas, sendo então o fator musical do festival o elemento preponderante para alimentar a inclusão social.

É gerada uma dinâmica baseada na arte urbana, no convívio, na sociedade de rua, na partilha. E a música é o elemento que interliga a comunidade e propicia este ambiente de relação e convívio. O convite passa por viver uma tarde de “boa música e excelente ambiente, com pais e filhos das avenidas novas ou velhas de Lisboa a descobrirem-se à volta da intemporal proposta de juntar pessoas ao ar livre e conviver com música.” (Público, 2017).

A música tem aqui um grande impacto no sentido de integrar as pessoas na comunidade e, no fundo, de criar uma dupla relação entre a comunidade local e em outros grupos sociais, pois este festival tem a capacidade de atrair pessoas de fora do bairro e de juntar talentos e públicos de diferentes idades e proveniências. Este evento acaba por ser também um impulso à interculturalidade “uma vez que o grupo integra jovens de diferentes culturas e de diferentes grupos sociais, sendo a atividade artística a ferramenta de eleição para a integração de jovens excluídos socialmente.” (Silva, 2013, p. 7).

O trabalho aqui desenvolvido pela Casa Conveniente vem criar uma maior ligação da comunidade às artes, como a própria atriz Inês Vaz admite, indicando uma necessidade de produzir algo para melhorar a relação entre a componente cultural e de expressão artística e o bairro, assim como a percepção que do bairro e da sua população o resto da cidade têm. “Pensamos que o desenvolvimento e crescimento dos projetos sediados no bairro, o diagnóstico de quais as iniciativas mais adequadas e a relação com as escolas e associações locais no sentido de criar projetos válidos, sustentados sobre o tempo é uma boa contribuição para o desenvolvimento saudável do bairro” (Vaz, 2018), afirma Inês Vaz.

Existem diferentes projetos desenhados para intervenção no bairro da Zona J, considerado um bairro social problemático, com o objetivo de “poder intervir junto dos grupos mais jovens, na medida em que as atividades artísticas proporcionam o desenvolvimento da motivação para o trabalho em sociedade, bem como a criatividade, qualidades fundamentais do processo de integração social.” (Silva, 2013, p. 8). Um deles é a associação Guineense de Solidariedade Social - Aguinenso e o seu projeto de ocupação de tempo livres *Dá-te ao Condado*. Trata-se de uma instituição particular sem fins lucrativos, criada em 1987, com sede na Avenida João Paulo II, portanto no bairro da Zona J. A associação tem como missão desenvolver “trabalho de intervenção social com as comunidades imigrantes, em particular com a comunidade guineense oriunda da Guiné-Bissau e, também, com a população local” (Aguinenso, s.d.). Os participantes provêm de diferentes zonas da área metropolitana de Lisboa. A instituição foi reconhecida pelo Governo Português pelo trabalho desenvolvido em benefício dos imigrantes e do país. Entre os principais objetivos da associação está a integração de cidadão imigrantes, não desvalorizando a sua cultura; a diminuição da pobreza e da solidão; elaboração de uma prática de intervenção e promoção de proximidade, possibilitando uma igualdade de oportunidades. O projeto desenvolvido por esta associação – *Dá-te ao Condado* – é financiado pelo Programa Escolhas, e está relacionado com o desporto, as artes e a inclusão social, e está orientado para trabalho com crianças e jovens. O projeto é concretizado no Bairro Zona J, e oferece atividades como: atelier das artes, apoio escolar, gabinete apoio psicossocial, *Mexe-te* – espaço dança, centro de inclusão digital – *Cidnet*, entre outras. O *Dá-te ao Condado E6G* tem como objetivo que os participantes alcancem uma valorização pessoal e aumento da autoestima, de forma a que se sintam confortáveis no bairro, e para que possam participar na vida social e dar o melhor de si para o desenvolvimento local, transformando o bairro num espaço com coesão social. Desta forma, o trabalho desenvolvido por este projeto visa promover a igualdade apoiado numa cultura criativa, isto é, as artes e as atividades de audiovisual e desporto, juntamente com a promoção de aptidões pessoais e sociais, são as bases para a inclusão social, o contacto e diálogo intercultural e a promoção da diversidade. Em suma, a principal ideia do projeto é a de “integrar jovens excluídos socialmente e de promover a sua integração social através do desenvolvimento de competências que não seriam possíveis de adquirir nos meios em que vivem. Além disso é uma forma de complementação dos currículos escolares que cada vez menos integram a componente artística, importante para o desenvolvimento de jovens criativos e com capacidade crítica.” (Silva, 2013, p. 6). Uma das finalidades deste projeto é também explorar os talentos existentes no local, com o objetivo de dar visibilidade para

dentro e fora do bairro, de maneira a envolver também o grupo local numa vida inclusiva e ativa socialmente. No fundo, esta intervenção por parte da associação tem como fim criar um sentido de pertença no bairro e ajudar na valorização individual; tudo isto irá possibilitar uma mudança no bairro, pois cria-se uma comunidade com uma coesão social mais forte (Condado, s.d.). Para além das atividades que o projeto dispõe, desenvolve também eventos no bairro de forma a reunir a comunidade e promover as artes e a cultura. Como exemplo, em 2016, a Associação Guineense de Solidariedade Social, com o projeto Dá-te ao Condado, organizou e promoveu um festival comunitário realizado na Zona J, que se baseava num encontro de culturas, pela dança, música e gastronomia. O evento reuniu moradores, jovens e pessoas de diferentes culturas.

Desta forma, esta associação e o projeto integrado na mesma atuam ao nível da inclusão através da arte, de forma a combater esse problema tão notório no bairro da Zona J.

A cultura como forma de convivência com o outro requer um certo nível de criatividade e expressão artística (Duxbury, 2002). A criatividade é cada vez mais vista como uma forma de ultrapassar a falta de comunicação e divisões sociais em contextos sociais multiculturais (Carvalho, 2010). É importante que, primeiramente, os indivíduos estejam integrados na comunidade de pertença para que, depois, possam ser integrados na sociedade (Warren, 2001; Etzioni, 1995 apud Carvalho, 2010). Assim, será interessante, nesta perspetiva da integração através da arte, participar em projetos artísticos e multiculturais: “people participating in various forms of cultural expression, such as the arts are empowered through being creative, developing and using skills, and contributing to cultural identity” (Australian Bureau of Statistics, 2001 apud Johnson, 2011:70). (Silva, 2013, p. 18)

Outro projeto que pretende combater este problema da exclusão social é a Companhia Cepa Torta. Esta companhia é uma plataforma artística que tem a participação de artistas das vertentes das artes plásticas e do teatro. A companhia designa-se como uma associação sem fins lucrativos e centra o seu trabalho nas artes performativas. Incorporado nesta companhia está o projeto O Mapa do Mundo Reinventado, uma iniciativa financiada pelo programa Bip/Zip, da Câmara Municipal de Lisboa. Trata-se de um projeto de intervenção pela arte, que se debruça sobre as comunidades de Marvila Velha, Lóios e PRODAC, onde trabalham, através de instrumentos teatrais e de cidadania, para a inclusão e coesão social. Por intermédio das artes performativas, vídeo arte e som pretende-se criar espetáculos em diferentes espaços como teatros, ruas, salas de aula ou lojas de bairro. O projeto tem como parcerias a Academia Cidadã, a Associação Meridional de Cultura, a Associação Guineense de Solidariedade Social e o Agrupamento de Escolas Luís António Verney. O principal objetivo é “o combate à

exclusão social através do reforço identitário dos jovens numa abordagem de mapeamento de singularidades. O termo mapa é conhecido por significar a representação visual de uma região. Como é uma representação, está contaminada pela visão que o autor tem do mundo. Nos bairros em que pretendemos trabalhar, a relação com o outro no bairro é prejudicada porque não há espaço emocional para sentir quem pertence a outro local. Nestes casos o reforço identitário é importante para estabelecer climas de autoconfiança e de pertença. Conhecer outras realidades, outras identidades, permite a criação de um efeito de perspetiva e de pensamento. Pretendemos com este projeto fabricar mapas alternativos, pouco usuais, e que reflitam uma construção do “eu no mundo” que seja partilhável com o “outro”. Serão mapas que reinventarão o mundo depositando nele sentimentos, desejos, memórias e frustrações. Queremos um mapa que expresse a subjetividade dos locais - que desfoque as fronteiras entre o real e o mito, entre a memória individual e a coletiva, entre o consciente e o inconsciente. Aos mapas acrescentaremos a dimensão da reflexão simbólica. Para isso usaremos o teatro, onde reconfiguraremos o que mapeámos previamente e criaremos uma dimensão adicional – a do pensamento.” (BIP/ZIP, 2017, p. 4). O trabalho é realizado com jovens de Marvila, e o produto final de todo o trabalho serão os mapas, compostos por reflexões e materiais. “Haverão gravações de sons específicos de ruas, vídeos artísticos do espaço arquitetónico e espetáculos teatrais com temáticas subjacentes aos conteúdos dos mapas. É um projeto participativo, contribuindo para a integração territorial.” (BIP/ZIP, 2017, p. 4). No âmbito de uma entrevista realizada a Patrícia Carreira, encenadora e coordenadora da Cepa Torta, e em relação à Zona J enquanto espaço que acolhe companhias de teatro como é este caso em específico: “A Arte é criadora de pensamento e a sua ação tem muitos aspetos positivos tanto a nível externo, como interno para os indivíduos. Aqui [na Zona J] não é diferente.” (Carreira, 2018). A encenadora revela que foram bem-recebidos no bairro e “nunca tivemos qualquer problema. O nosso trabalho no bairro é centrado nos jovens, logo as famílias aceitam-nos com normalidade e sem desconfiança.”. Assim, Patrícia Carreira considera que a população valoriza o desenvolvimento de projetos artísticos e culturais no seio da sua comunidade pois “a população sente a distância da restante Lisboa e qualquer coisa que venha de dentro é valorizado.” (Carreira, 2018).

No fundo, a exclusão social existe devido à complexa constituição de bairros e da cidade. Desta forma, a identidade cultural e a desintegração da comunidade acabam por ser os maiores problemas aqui relacionados. Associados a estes problemas, surgem a “baixa autoestima, falta de competências relacionais, ausência de plano de vida e pouca iniciativa de

transição para a vida ativa.” (BIP/ZIP, 2017, p. 4). Manifestam-se, assim, problemas como a marginalização, associada também ao tráfico e consumo de drogas e ao vandalismo.

A educação da arte permite um contacto com a arte mesmo para aqueles que não têm condições para o fazer, além de que é um complemento do processo de educação. Assim, e para colmatar esta escassez de oferta artística dos currículos escolares, surgem projetos sociais de cariz artístico onde são integrados jovens desfavorecidos e que sofrem de exclusão social, sendo importantes na “consolidação da cidadania” (Fernandes et al., 2004). (Silva, 2013, p. 18)

Isto significa que, de forma a combater problemas como os que referi acima, e mesmo que em locais que não tenham tanta oferta neste sentido, existem associações ou instituições que pretendem combater estes problemas através da educação pela arte. A ideia é que a arte chegue a todos, mesmo a que não tem condições económicas ou financeiras para o fazer. O objetivo é reverter os problemas sociais, a exclusão social e colmatar carência das artes nas escolas.

As práticas culturais têm, assim, um impacto positivo. São uma forma de alcançar a cidadania, uma vez que a educação artística incrementa o desenvolvimento de capacidades e competências importantes para conseguir a integração na sociedade atual. (Silva, 2013, p. 47)

Para além das que já apresentei neste capítulo, existem outras associações e projetos residentes na Zona J que vivem com base nesta luta contra a exclusão social. Entre elas a Associação de Reformados do Bairro do Condado Marvila e a Associação de Moradores do Bairro do Condado. Além disso, existem também parcerias com outras associações não residentes no bairro, como a Associação Cultural e Juvenil Batoto Yetu Portugal, que trabalha com crianças e jovens com interesse na cultura africana, procedentes de meios económicos mais ou menos desfavorecidos. Esta associação visa a integração social através de danças essencialmente Afro-Brasileiras, e já desenvolveu eventos em parceria com o projeto Dá-te ao Condado, apresentados na Biblioteca Municipal de Marvila. No entanto, considerei mais relevante neste capítulo abordar as associações que apresentei anteriormente pois trabalham em função da arte enquanto veículo de integração social e trabalham diretamente com o bairro da Zona J, que é exatamente o tema deste ponto.

Os projetos desta índole proporcionam aprendizagens diferentes daquelas a que os participantes estão habituados devido à socialização através do contexto social, económico, escolar, familiar em que estão inseridos. Isto permite uma gestão da personalidade e de comportamentos com a interiorização de novas capacidades e

competências. Assim, a integração social através da arte é possível. (Silva, 2013, p. 57)

Em suma, existe uma preocupação e investimento no sentido de combater a exclusão social na Zona J. Como é um local muito multicultural, com pobreza, diferentes religiões, etnias, estilos de vida e culturas, é importante existir associações e instituições para unir a comunidade. Como já constatei ao longo deste capítulo, as artes são um veículo muito poderoso de integração social, pois promovem o envolvimento e diálogo entre as pessoas:

Barraket (2005) refere que “existe um forte consenso de que os projetos de artes promovem o envolvimento porque são amplamente apreciados pelos participantes” (p.13). No entanto, a literatura sugere, de forma consistente, elevados níveis de interesse, de prazer num leque de atividades artísticas em diversos contextos. O envolvimento em projetos de artes estimula muitas vezes “os interesses criativos dos participantes e, assim, promove o elevado nível de envolvimento” (p.13). (Felizardo, 2012, p. 43)

Como testemunho destas teorias e ideias desenvolvidas por diferentes autores relativamente à inclusão social pelas artes, temos as diferentes associações e projetos que abordei ao longo deste ponto. Como é evidente, estes processos são longos e requerem muito trabalho no sentido de encaixe na comunidade, criar laços de confiança para se iniciar uma relação e trabalho para atingir a finalidade. Ainda assim, já se notam resultados, pois a comunidade une-se para a realização de eventos, espetáculos, teatros ou concertos no bairro da Zona J. Ao longo do tempo, vai-se criando um sentimento de pertença que revela e demonstra que a arte tem este poder, de unir as pessoas e comunidades.

Conclusão

O tema desta dissertação nasceu da necessidade que sentia em explicar e mostrar às pessoas a verdadeira essência e realidade da vivência da Zona J. Este bairro, que é conhecido pelas suas histórias trágicas, é um local marginalizado, mas que se está a modificar e a inserir naquilo que é considerado um bairro cultural. Aglomera pessoas de várias etnias, grupos sociais,

religiões, crenças, ideias e escalões sociais. Ainda existem muitos problemas a resolver e soluções a encontrar.

O facto de, ao longo dos anos, ter existido cada vez mais interesse no local e no desenvolvimento artístico e cultural foi ajudando a comunidade e a imagem do bairro a ser modificada. A Casa Conveniente, um dos principais focos deste estudo, foi um elemento essencial neste processo que ainda está a decorrer no bairro, pois investiu imenso na população, nas suas necessidades, e procurou combater o problema da exclusão social através de várias iniciativas, projetos e eventos que desenvolveram no bairro.

A dissertação, tendo como tema a intervenção cultural na Zona J, incluiu, não só abordagens sobre projetos e associações que tiveram um papel primordial neste processo de intervenção cultural, mas também elementos como a arte urbana, que são parte da essência e história do bairro – por essa razão, têm, também, um papel ativo nesta mediação cultural. Dessa maneira, a arte urbana assume uma visão importante para os moradores pois, não é só um fator de intervenção cultural para o bairro, mas é também uma forma de inclusão social. E, neste sentido, inicia aqui um tópico bastante relevante neste trabalho, e sobre o qual me debrucei.

O bairro da Zona J é, como já referi, um local à margem da cidade, com pouca relação com o centro. É um bairro “ilha”, não se assume como um local de passagem. Acolhe pessoas de diferentes culturas e etnias e, por isso, é um espaço multicultural. Englobando tantas diferenças, e existindo tantos problemas sociais no bairro como a pobreza, a solidão e a marginalização, por exemplo, é um espaço onde nos confrontamos com exclusão social. Este tópico é um tema sensível, que inclui sentimentos como a incompreensão, o desprezo, a hipocrisia, a indiferença, a injustiça e insegurança, e tive como objetivo revelar alguns projetos que se debruçaram sobre a solução deste problema na Zona J. São várias as entidades que trabalham nesse sentido, algumas delas mesmo que não estando sediadas exatamente no bairro – como a Biblioteca Municipal de Marvila, por exemplo – e que, pelo seu trabalho, ganharam destaque nesta dissertação. Um dos projetos já apresentei num tópico anterior – a Casa Conveniente -, pois trabalha, não só em prol dos seus objetivos e projetos enquanto companhia de teatro, mas também a favor da comunidade e da batalha contra este problema social que é a exclusão. Outra entidade que apresentei no capítulo “O papel da arte como ferramenta de integração social” foi a Associação Guineense de Solidariedade Social – Aguinenso, em especial o seu projeto Dá-te ao Condado, que tem como missão o trabalho

com crianças e jovens através de atividades ligadas às artes e ao desporto, sempre com a finalidade da inclusão social. Por fim, a última entidade que evidenciei na dissertação foi a companhia Cepa Torta. Em foco tive o seu projeto O Mapa do Mundo Reinventado que se baseia na intervenção pela arte. O trabalho é também desenvolvido com jovens através de instrumentos teatrais e de cidadania, para a inclusão e coesão social. No fundo, a Zona J é composta por alguns projetos que se dedicam à sua evolução e avanço a nível social, com o objetivo mútuo entre ambas: acabar com a exclusão social.

Com base no trabalho de campo que desenvolvi com os inquéritos aos moradores da Zona J, concluí que, apesar de ainda considerarem que o espaço é visto como marginal por pessoas de fora, as intervenções culturais aí presentes como o trabalho da Casa Conveniente e o Festival Zona Não Vigiada contribuem para o desenvolvimento cultural e artístico do bairro, como também atraem pessoas de fora para dentro do bairro. Os moradores concordam também que a Zona J têm vindo a evoluir em termos culturais e artísticos, através das manifestações culturais que têm vindo a ser desenvolvidas no bairro.

Respondendo agora às questões elaboradas no início deste percurso, ou seja, às minhas perguntas de partida: na minha opinião, e com base em todo o trabalho e respostas que encontrei, a Zona J tem vindo a ser alvo de várias intervenções culturais no local, como já referi anteriormente. Não é um bairro cultural da forma como o conhecemos tradicionalmente; contudo, do meu ponto de vista, está a tornar-se um bairro cultural, pela riqueza de culturas que acolhe, pela sua essência, pelo ambiente que vive das artes (música, teatro, arte urbana). É um espaço que “já o é [um bairro cultural], pois tem as suas especificidades culturais que o tornam um local interessante” (Carreira, 2018).

Este estudo permitiu-me responder às questões a que me tinha proposto, e a explorar os projetos e entidades que trabalham em prol do desenvolvimento e crescimento cultural e artístico da Zona J. Possibilitou-me, também, através da investigação no terreno e das conversas com os entrevistados, conhecer melhor a comunidade e o estilo de vida do bairro. No entanto, ainda ficou muito por pesquisar e analisar dentro deste tema, existindo, assim, muito material para futuras investigações, tal como o crescimento da freguesia de Marvila, a vários níveis (cultural, com a descoberta do bairro Braço de Prata e dos seus espaços culturais), por exemplo. Como debilidades deste estudo considero as poucas entrevistas realizadas – entre os entrevistados com quem não houve possibilidade de reunião estava o Presidente da Junta de Marvila –, os poucos inquéritos aos habitantes da Zona J e a falta de

bibliografia relacionada com a Zona J. As melhores fontes de informação sobre o bairro acabaram por ser a publicação de artigos nos media e as entrevistas realizadas.

Em suma, concluo que o bairro da Zona J está, ao longo do tempo, a ultrapassar o seu passado conflituoso e a crescer em diferentes níveis: culturais, de serviços (com o projeto do novo Hospital, por exemplo – apesar de existir grandes falhas ainda por colmatar) e sociais. De facto, existe muito investimento e intervenção cultural no bairro, existe interesse em desenvolver novas parcerias, novas ideias e projetos em prol das pessoas e de um espaço que se encontra em desenvolvimento e inovação. A Zona J está a mudar e, culturalmente, a receber e a oferecer mais, através dos projetos que acolhe e das pessoas que fazem dela o bairro que foi e é hoje.

Referências Bibliográficas

- Abril. (24 de Maio de 2018). *Abril*. Obtido de abrilabril: <https://www.abrilabril.pt/cultura/casa-conveniente-defende-que-concurso-choca-com-realidade>
- Aguinense, A. G. (s.d.). *Associação Guineense de Solidariedade Social – Aguinense*. Obtido de aguinense: <http://aguinense.com/pt/quem-somos/visao-e-missao>
- Albagli, S. (2006). Conhecimento, inclusão social e desenvolvimento local. pp. 17-22.
- Apolónia, C. I. (2014). *Guernica - A arte como forma de comunicação*. Algarve.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beato, H. C. (s.d.). *Hub Criativo Beato*. Obtido de hubcriativobeato: <https://www.hubcriativobeato.com/#cBJOxtGRad>
- Becker, H. S. (1963). *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: The Free Press of Glencoe.
- Bicudo, M. A. (2006). *Pesquisa em Educação Matemática em uma perspectiva fenomenológica: mudança na prática de ensino do professor de matemática*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Educação Matemática.
- BIP/ZIP, P. (2016). *Ficha de Candidatura Zona Não Viggiada*. Lisboa.
- BIP/ZIP, P. (2017). *Ficha de Candidatura. O Mapa do Mundo Reinventado*. Lisboa.
- Caixado, M. Q. (2016). *Arte urbana: estratégias de revitalização dos espaços públicos degradados*. Lisboa.
- Campos, C. (2008). *Arte e vida: integração social - direito das crianças à educação e expressão artísticas*. Fortaleza.
- Campos, R. (2009). *A imagem é uma arma: a propósito de riscos e rabiscos no Bairro Alto*.
- Campos, R. (2014). *A luta voltou ao muro. Análise Social*.
- Câncio, F. (2005). *Cidades sem nome - crónica da condição suburbana*. Tinta da China.
- Câncio, F. (2005). *Cidades sem nome - crónica da condição suburbana*. Tinta da China.
- Capucha, L. (1990). *Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social*.
- Carreira, P. (10 de Julho de 2018). *Entrevista*. (L. Inocência, Entrevistador)
- Cerezuela, D. R. (2013). *Diseño y Gestión de Proyectos Culturales*.

- Chaves, M. (2012). *Casal Ventoso: da gandaia ao narcotráfico*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- Clavel, G. (2004). *A Sociedade da Exclusão compreendê-la para dela sair*. Porto Editora.
- Coelho, A. B. (2012). *Infohabitar*, Ano VIII, nº 378.
- Condado, D.-t. a. (s.d.). *Dá-te ao Condado*. Obtido de aguinenso: <http://aguinenso.com/pt/o-que-fazemos/os-nossos-projetos/da-te-ao-condado-e6g>
- Connerton, P. (1999). *Como as cidades recordam*. Oeiras: Celta Editora.
- Cordeiro, G. Í. (1997). *Um lugar na cidade*. Lisboa: Dom Quixote.
- Costa, A. F. (2002). Identidades culturais urbanas em época de globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, pp. 15-30.
- Costa, A. F. (2008). *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*. Lisboa: Celta Editora.
- Costa, A., & Cordeiro, G. (1999). *Bairros: contexto e intersecção*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Costa, P. (2000). Centros e margens: produção e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa. *Análise Social*, pp. 957-983.
- Costa, P., & Lopes, R. (2016). *Dos dois lados do espelho: diálogos com um bairro cultural através da intervenção urbana*. Lisboa: DINÂMIA'CET - IUL.
- Costa, P., Oliveira, A., Magalhães, A., Sousa, F. A., Teixeira, G., Guerra, P., & Moreira, T. (2017). *Estratégias para a cultura da cidade de Lisboa 2017*. Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL.
- Dicionários Porto Editora, I. (s.d.). *Infopédia*. Obtido de infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bairro>
- Eugénio, S. R. (2013). *Arte Urbana no Século XXI - A relação com o mercado da arte*.
- Europeias, C. d. (2003). *Relatório Conjunto sobre a inclusão social*. Bruxelas.
- Felizardo, J. (2012). *A inclusão social pelas artes*. Algarve.
- Fiorentini, D., & Lorenzato, S. (2009). *Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metológicos*. Campinas: Autores Associados.
- Gonçalves, A. C. (1988). Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, 15 a 31.
- Hadjinicolaou, N. (1989). *História da arte e movimentos sociais*. Lisboa: Edições 70.
- Haguette, T. M. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Hauser, A. (2000). *A Arte e a Sociedade*. Editorial Presença.

- Idealista. (29 de Novembro de 2017). *Idealista*. Obtido de Idealista: <https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2017/11/28/34962-a-prata-sera-o-novo-bairro-que-vai-revolucionar-lisboa>
- La Roca, F. (2011). A cidade visual. Em *Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais em meios urbanos* (pp. 51-66). Lisboa: Mundos Sociais.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. d. (1990). *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas.
- Lisboa, T. d. (2017). *Turismo de Lisboa*. Obtido de visitlisboa: <https://www.visitlisboa.com/pt-pt/node/6744>
- Lopes, Ricardo (2011). *Aprender com os erros* (pp.196-214). Universidade Católica Portuguesa
- Machado, F. L., & Silva, A. (2009). *Quantos caminhos há no mundo?* Cascais: Príncípia Editora.
- Maffesoli, M. (2011). A cidade e a imersão imagética. Em *Uma cidade de imagens: produções e consumos visuais em meios urbanos* (pp. 69-76). Lisboa: Mundos Sociais.
- Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (1996). *Técnicas de pesquisa: planeamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas.
- Martinez, P. (2013). *Urban Art Made in BCN*.
- Marvila, J. d. (s.d.). *Junta de Freguesia de Marvila*. Obtido de jf-marvila: <http://jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/toponimia>
- Monteiro, S. S. (2016). *Criação do Distrito Literário de Lisboa*. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Notícias, D. d. (9 de Julho de 2010). *Diário de Notícias*. Obtido de Dn: <https://www.dn.pt/portugal/interior/gangues-e-violencia-sao-imagens-ainda-associadas-a-zona-j-de-chelas-1614099.html>
- Notícias, J. d. (25 de Setembro de 2009). *Jornal de Notícias*. Obtido de JN: <https://www.jn.pt/local/noticias/lisboa/lisboa/interior/corredor-da-morte-tem-os-dias-contados-1371541.html>
- Orientre. (2017). *Orientre*. Obtido de Orientre: <http://www.orientre.pt/empresas/galeria-underdogs-vhils/>
- País, E. (2015). *El País*. Obtido de el viajero: https://elviajero.elpais.com/elviajero/2015/12/23/actualidad/1450870763_404445.html
- Papa, M. O. (2017). *Arte urbana - cidade, bairro, obra*. Lisboa.
- Pinto, T., & Gonçalves, A. (2000). *Os bairros sociais vistos por si mesmos*.
- Pires, R. P. (2012). *O problema da integração*. Porto.

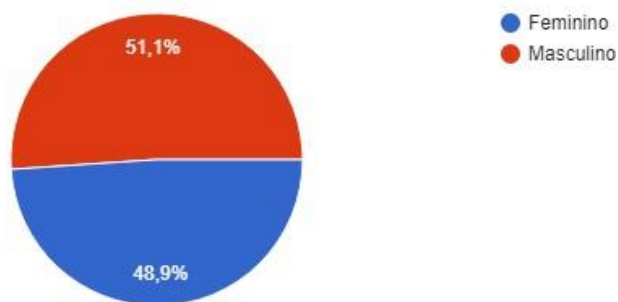
- Público. (25 de Setembro de 2015). *Público*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2015/09/25/culturaipsilon/reportagem/a-zona-j-quer-sair-da-redoma-1708678>
- Público. (2015 de Fevereiro de 2015). *Público*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2015/02/19/p3/noticia/galeria-de-arte-urbana-leva-street-art-a-bairros-municipais-1822595>
- Público. (16 de Setembro de 2017). *Publico*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2017/09/16/culturaipsilon/reportagem/lisboa-e-isto-nem-centro-nem-periferia-festival-zona-nao-vigiada-1785564>
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Renascença. (4 de Março de 2016). *Renascença*. Obtido de rr.sapo: http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa
- Renascença. (3 de Março de 2016). *Renascença*. Obtido de rr.sapo: <http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar-as-voltas-na-zona-j-o-circulo-perpetuo-da-exclusao>
- Riggle. (2010). Street Art: The Transfiguration of the Commonplaces. *The Journal of Aesthetic and Art Criticism*, pp. 243-257.
- Rodrigues, T. P. (2017). *Arte e Comunidade: Projetos de Intervenção Artística e Inclusão Social*.
- Roldão, V. (2010). *Gestão de Projectos - Abordagem Instrumental ao Planeamento*. Lisboa: Monitor - Projetos e Edições.
- Sequeira, Ágata (2015). «A cidade é o habitat da arte»: *Street art e a construção de espaço público em Lisboa*. Lisboa.
- Silva, F. C. (2013). *Arte e cultura na conquista da cidadania e integração social*. Coimbra.
- Teixeira, V. d. (2015). *Arte urbana: o caso do Porto*. Minho.
- TVI24. (2009 de Setembro de 2009). *TVI24*. Obtido de TVI24: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/zona-j/corredor-da-morte-morre-hoje-em-lisboa>
- TVI24. (4 de Março de 2009). *TVI24*. Obtido de TVI24: <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/lisboa/corredor-da-morte-em-chelas-vai-abaixo>
- Urbana, G. d. (2016). *Galeria de Arte Urbana (GAU)*. Obtido de gau: <http://gau.cm-lisboa.pt/gau.html>
- Vaz, I. (8 de Julho de 2018). Entrevista. (L. Inocência, Entrevistador)
- Velho, G. (1999). *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Vidal, F., & Cordeiro, G. í. (2008). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Wells, Karen (2007). “The material and visual cultures of cities”, *Space and Culture*, Vol.10, nº2: 136-144

Anexos

Anexo A - Respostas ao inquérito por questionário realizado aos habitantes do bairro da Zona J

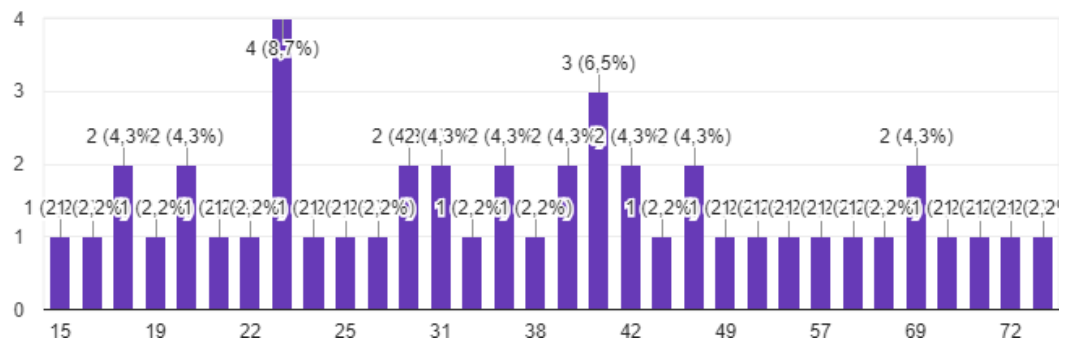
Sexo

47 respostas



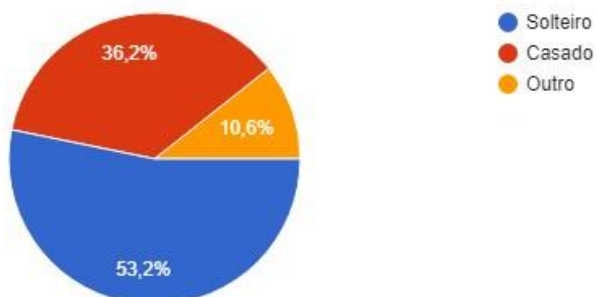
Idade

46 respostas



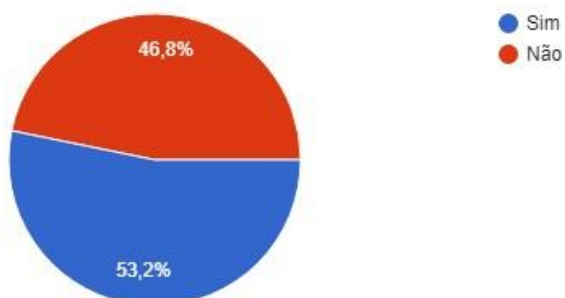
Estado Civil

47 respostas



Tem filhos?

47 respostas



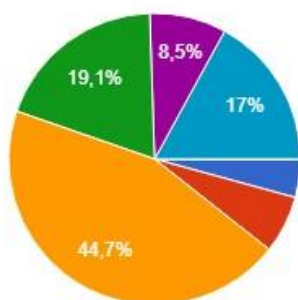
Nível de Escolaridade:

47 respostas



Situação na profissão:

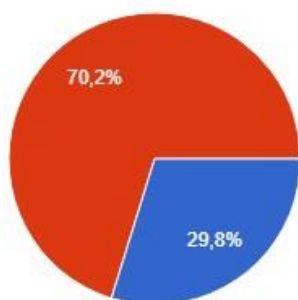
47 respostas



- Empresário
- Trabalhador por conta própria
- Trabalhador por conta de outrém
- Estudante
- Desempregado
- Reformado/aposentado
- Outra situação

Beneficia de apoio social?

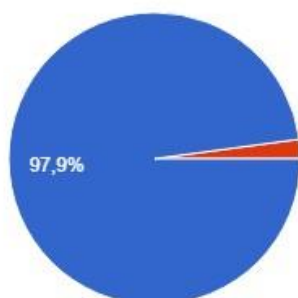
47 respostas



- Sim
- Não

Reside na área de Lisboa?

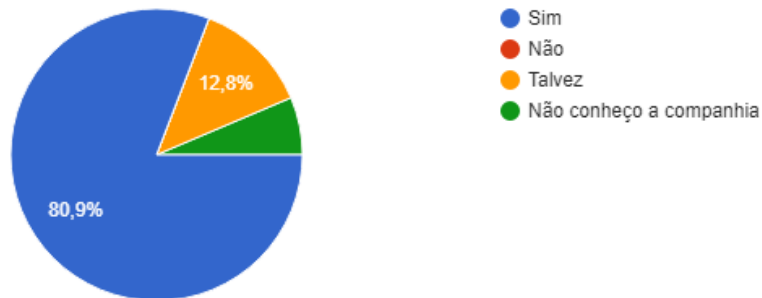
47 respostas



- Sim
- Não

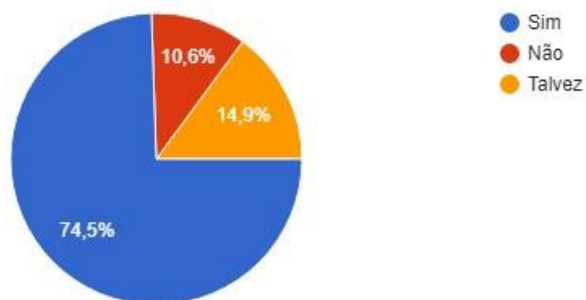
Considera que esta companhia enriquece e contribui para o desenvolvimento artístico e cultural do bairro?

47 respostas



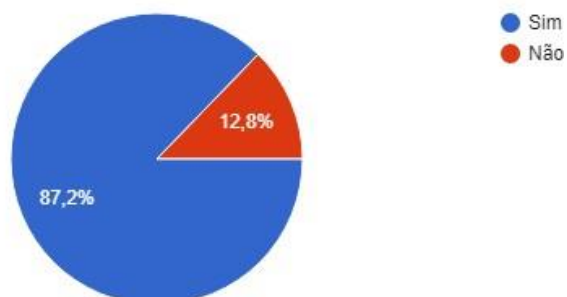
Acha que a Zona J ainda é vista como uma zona marginal/como se não fosse parte da cidade de Lisboa?

47 respostas



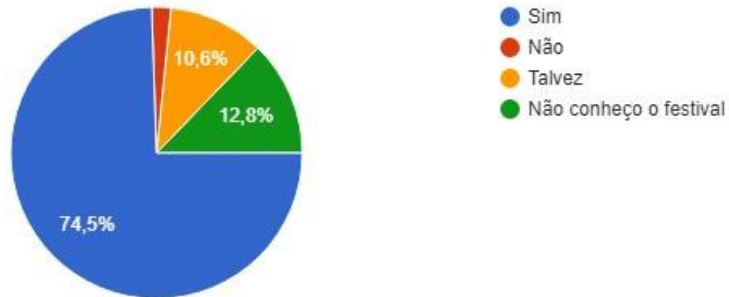
Conhece o festival Zona Não Viguada?

47 respostas



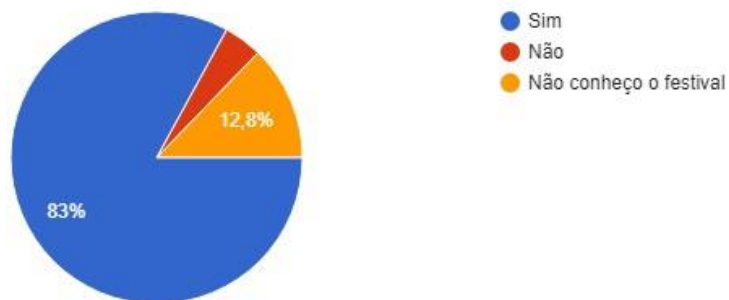
Acha que este festival contribui para o desenvolvimento cultural e artístico do bairro?

47 respostas



Considera que este festival teve muita aderência?

47 respostas



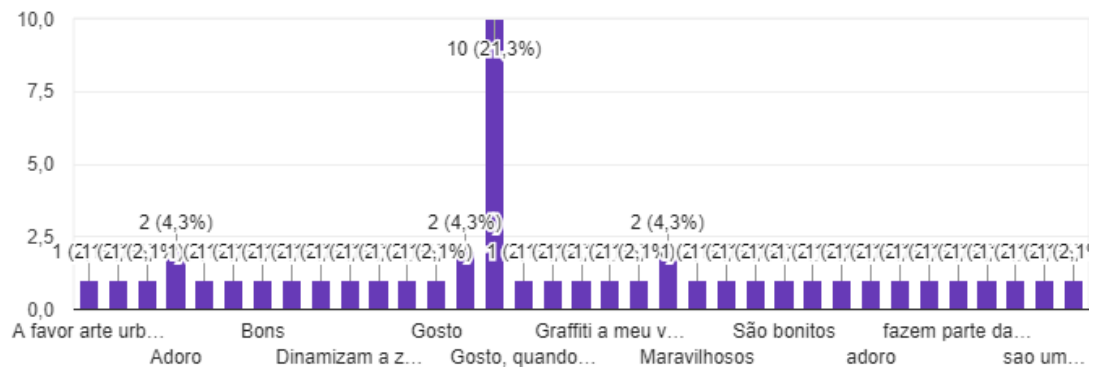
Se sim: por parte apenas dos moradores da Zona J?

45 respostas



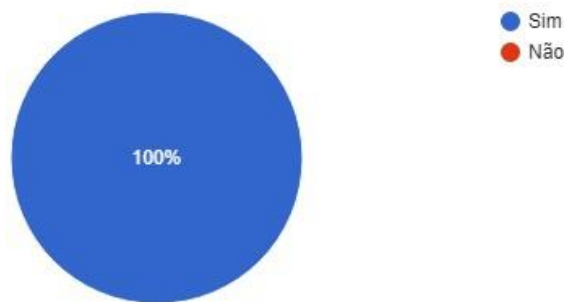
Qual a sua opinião acerca dos graffitis da Zona J?

47 respostas



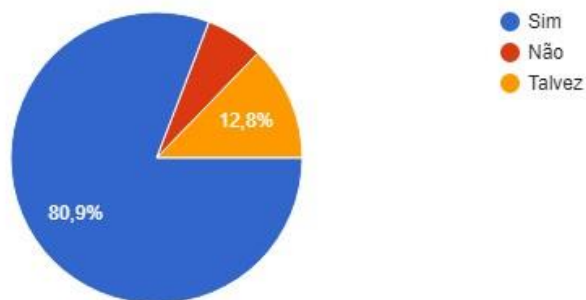
Considera os graffitis uma arte?

46 respostas



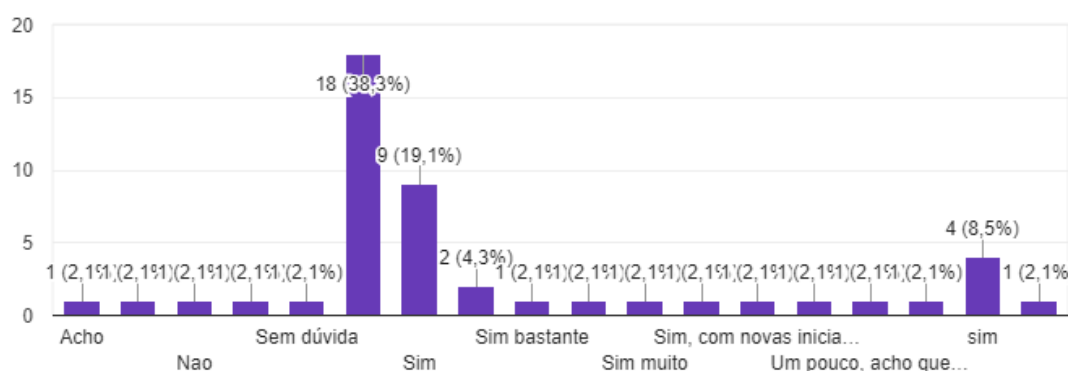
Acha que estas manifestações culturais atraem mais pessoas de fora para a Zona J?

47 respostas



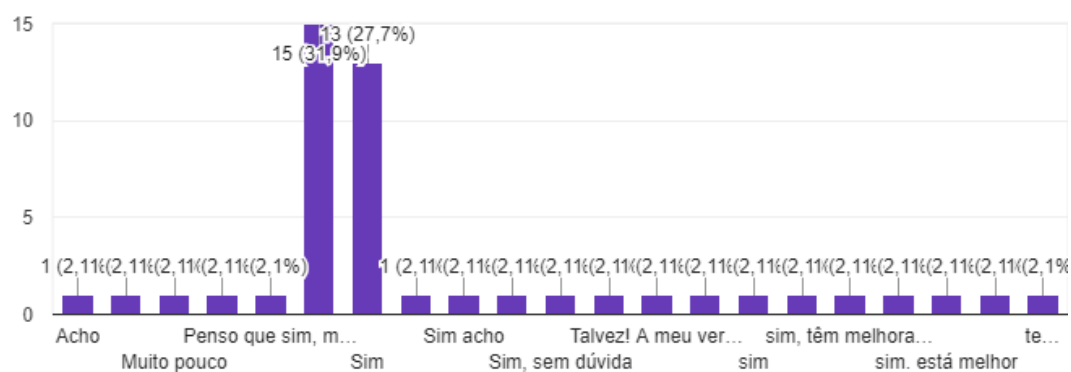
Acha que a Zona J tem vindo a evoluir em termos culturais e artísticos?

47 respostas



Acha que estas manifestações culturais têm mudado o bairro? E a forma como as pessoas de fora o vêm?

47 respostas



Anexo B - Guião de entrevista realizada a Inês Vaz, atriz da Casa Conveniente

- 1- O bairro Zona J tem sido muito associado a vivências marginais. Pensa que esta imagem que ainda perdura do bairro é justificada pelas existências que aqui se desenvolvem? Como descreveria este bairro?
- 2- Quando e o que a levou a querer instalar/mudar a Companhia de Teatro Casa Conveniente para a Zona J e porquê a Zona J?
- 3- Considera que o Bairro a Zona J é o local adequado para receber uma companhia de teatro/associação cultural? Porquê?
- 4- Considera que a Companhia de Teatro foi bem acolhida pelos moradores da Zona J?
- 5- Notou interesse por parte dos moradores em conhecer ou em colaborar com a Companhia de Teatro?
- 6- Acha que as artes estão presentes neste bairro? De que forma?
- 7- Acha que a Zona J se pode tornar num bairro cultural?
- 8- Conhece outras iniciativas/associações/manifestações culturais presentes/residentes na Zona J?
- 9- O Festival Zona não Viggiada é uma produção da Casa Conveniente. Como surgiu este projeto?
- 10- De que forma reagiu a comunidade à inserção destas novas manifestações artísticas, tanto a Casa Conveniente como o Festival? Aderiram e colaboraram ou mostraram indiferença?
- 11- Acha que a população valoriza o desenvolvimento de projetos artísticos e culturais no seio da sua comunidade?
- 12- Considera que a Zona J tem necessidade de uma maior ligação às artes/desenvolvimento artístico?
- 13- Considera que as manifestações e projetos culturais ultimamente realizadas têm contribuído para alterar a autoimagem do bairro e dos seus habitantes? E a forma como o bairro e os seus habitantes são representados no exterior, pelos que cá não vivem?
- 14- Pensa que as manifestações culturais e artísticas podem ser um promotor da integração social do bairro e dos seus habitantes no todo urbano que é Lisboa?
- 15- Considera necessário um maior investimento neste bairro? Que áreas deveriam ser privilegiadas?
- 16- Qual a diferença entre estar instalada no Cais do Sodré e na Zona J?
- 17- O que é que a Zona J ainda tem para oferecer? E o que pode ainda dar à Zona J?

Anexo C - Guião de entrevista realizada a Patrícia Carreira, encenadora e coordenadora da Companhia Ceba Torta

- 1- O bairro Zona J tem sido muito associado a vivências marginais. Pensa que esta imagem que ainda perdura do bairro é justificada pelas existências que aqui se desenvolvem? Como descreveria este bairro?
- 2- Considera que o Bairro a Zona J é o local adequado para receber uma companhia de teatro/associação cultural? Porquê?
- 3- Considera que a Companhia de Teatro foi bem acolhida pelos moradores da Zona J?
- 4- Notou interesse por parte dos moradores em conhecer ou em colaborar com a Companhia de Teatro?
- 5- Acha que as artes estão presentes neste bairro? De que forma?
- 6- Acha que a Zona J se pode tornar num bairro cultural?
- 7- Conhece outras iniciativas/associações/manifestações culturais presentes/residentes na Zona J?
- 8- Acha que a população valoriza o desenvolvimento de projetos artísticos e culturais no seio da sua comunidade?
- 9- Considera que a Zona J tem necessidade de uma maior ligação às artes/desenvolvimento artístico?
- 10- Considera que as manifestações e projetos culturais ultimamente realizadas têm contribuído para alterar a autoimagem do bairro e dos seus habitantes? E a forma como o bairro e os seus habitantes são representados no exterior, pelos que cá não vivem?
- 11- Pensa que as manifestações culturais e artísticas podem ser um promotor da integração social do bairro e dos seus habitantes no todo urbano que é Lisboa?
- 12- Considera necessário um maior investimento neste bairro? Que áreas deveriam ser privilegiadas?
- 13- Considera que o objetivo da companhia de trabalhar a inclusão e coesão social está a ser cumprido? De que forma estão a tentar alcançar o objetivo?
- 14- O que é que a Zona J ainda tem para oferecer? E o que pode ainda dar à Zona J?
- 15- Como descreveria o bairro numa só palavra?